



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB
CENTRO DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CFCHS
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Fernando Santana Carvalho
OITI PATAXÓ

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL PATAXÓ: A CASA DE MEMÓRIA
DA RESERVA DA JAQUEIRA - EXTREMO SUL DA BAHIA

Porto Seguro
2022

**FERNANDO SANTANA CARVALHO
OITI PATAXÓ**

**EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL PATAXÓ: A CASA DE MEMÓRIA
DA RESERVA DA JAQUEIRA - EXTREMO SUL DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Edson Kayapó

**Porto Seguro
2022**

REGISTRO BIBLIOTECA

**FERNANDO SANTANA CARVALHO
OITI PATAXÓ**

**EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL PATAXÓ: A CASA DE MEMÓRIA
DA RESERVA DA JAQUEIRA - EXTREMO SUL DA BAHIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre
em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Aprovada em... (colocar DATA)

BANCA EXAMINADORA

NOME 1

NOME 2

NOME 3

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecer ao meu Deus por ter me dado sabedoria e força e me conduzido em todos os momentos dessa caminhada.

À memória dos meus pais que deram forças para continuar essa luta até o dia de hoje. Não está junto a mim mas as lembranças das suas conversas comigo de que eu deveria estudar pois eles não tiveram oportunidade.

Aos professores e orientador Edson kayapó, por ser meu orientador nesse mestrado e que é um grande amigo, me acolheu e sempre à disposição em ajudar esclarecendo constantemente as minhas angústias e contribuindo de forma significativa para o resultado desse trabalho.

Aos colegas que deram forças e foram grandes companheiros nessa trajetória de estudos e momentos difíceis que passamos principalmente no meio epidêmico que tivemos de passar juntos estudando.

À Grande liderança Nitxinawã Pataxó por me passar seus conhecimentos da luta e da história pataxó, de compartilhar seus momentos e junto a outras líderes indígenas contar sua vivência e luta, principalmente da reserva da Jaqueira.

Não poderia de deixar de agradecer Alice Costa por contribuir com auxílio acadêmico e ajuda nas transcrições de algumas entrevistas, sempre disposta a ajudar, contribuir e também por acreditar muito no meu potencial e no meu sucesso.

Agradecer um grande amigo, que considero como um irmão, Paulo Ceramista que deu maior força para eu ingressar na vida acadêmica na UFSB e por se orgulhar de mim, do meu talento e do meu povo Pataxó.

Agradecer também a professora Ana Cristina, uma pessoa amiga, uma professora profissional na sua área que me ajudou muito e mostrou alguns indicativos de leitura sobre todo o meu trabalho acadêmico.

Agradecer a minha professora Jodilce, colega no mestrado, por ter me dado força nos momentos que mais precisei.

Agradecer também a professora Adriana Pesca, uma grande guerreira, que também contribuiu muito com sua atenção nos momentos que mais precisei e contribuiu muito em todos esses momentos de luta desde quando começamos a estudar junto nesse mestrado.

Agradecer também Arissana Pataxó, nossa grande artista, que vem sempre contribuindo com toda a comunidade e deu também toda essa atenção na ajuda da minha pesquisa.

Agradecendo também a Sirleide Pataxó, colega da turma de mestrado, professora da minha comunidade que contribuiu bastante na pesquisa ouvindo e colaborando nesse processo de aprendizado da escola.

Agradecer ao Aderno Pataxó da Reserva da Jaqueira que contribuiu muito nessa pesquisa dentro comunidade.

Agradecer também a professora Raimunda que ficou a disposição em diversos momentos que precisei nessa pesquisa.

Agradecer também ao Juari Pataxó que, logo no começo do curso na UFSB nos primeiros contatos com a universidade e os colegas, nos dava carona na ida e volta para que a gente estudasse por ser um lugar bem longe do centro da cidade,

Agradecer todos os meus parentes e familiares, primos, primas, jovens e crianças que se dispuseram a participar das oficinas e partilharam comigo experiências na produção de suas artes.

Agradecer a toda a comunidade da Reserva Pataxó da Jaqueira por sempre me acolher e me dá oportunidade de ter conhecimentos tradicionais me ajudando nas pesquisas realizada na comunidade e ter a oportunidade de multiplicar esse conhecimento na área acadêmica.

Para finalizar agradeço ao meu Povo Pataxó pois sem a luta e resistência que meu povo tem para existir, essa pesquisa não seria possível em especial aos mais velhos, caciques, lideranças e professores pataxó po contribuir um pouco de seus conhecimentos trazendo informações importantes que compôs o resultado desse trabalho de pesquisa.

Por fim a todos que de direta ou indiretamente contribuíram para o resultado dessa dissertação.

RESUMO

Nos vinte e um anos de existência da Reserva Pataxó da Jaqueira, a comunidade pataxó vem afirmando sua cultura e desenvolvendo estratégias autônomas de trabalho, inclusive na esfera educacional, a fim de multiplicar e fortalecer o conhecimento do povo Pataxó. Uma dessas estratégias foi a criação do Museu Indígena Comunitário, inaugurado em 26 abril de 2019. O museu da Reserva da Jaqueira vem dialogando com a arte indígena pataxó ancestral e contemporânea em um contexto da educação, ou seja, em conjunto com a escola indígena. Trabalhar a memória do povo é voltar na história e se apropriar da sua produção e dos seus usos, tendo como desdobramentos o protagonismo na construção de museus, espaços de memória e centros de documentação em nossos territórios, além de contribuir efetivamente no fortalecimento dos saberes, cosmologias e da identidade étnica. Esta dissertação discutirá as questões relativas ao legado educacional do museu indígena da comunidade pataxó da Reserva da Jaqueira, um espaço que assume um papel relevante na luta do povo Pataxó e sua resistência, além de constituir um potente lugar de afirmação cultural e reivindicação de uma educação escolar indígena diferenciada.

Palavras-chave: Casa de memória; afirmação cultural; educação escolar indígena.

ABSTRACT

In the twenty years of experience of the work culture, multiplying and intensifying the existence of the Pataxó Reserve comes from learning, a year of work, multiplying and intensifying the existence of the Reserve, Pataxó has been teaching a people of learning, multiplying its community, intensifying and intensifying . The Museu da Reserva da Jaqueira has been dialoguing with ancestral and contemporary Pataxó indigenous art in a context of indigenous education, that is, in education with the indigenous school. Working on the memory of the people, going back in memory and adapting to its uses, having and unfolding the leading role in the history of museums, spaces of and documentation centers in territories, in addition to building our support resources in the strengthening of knowledge, construction of knowledge reinforcement history, construction of knowledge reinforcement history, cosmologies and ethnic identity. This dissertation contests the issues related to the indigenous Pataxó museum of the Reserva da Comunidade da Comunidade, a role in the Pataxó community and its resistance, from a relevant space to a relevant place of cultural education and support for the education of a differentiated school education.

Keywords: Memory house; cultural affirmation; indigenous school education.

LISTA DAS PRINCIPAIS SIGLAS E ABREVIACOES

ASPECTUR - Instituto Pataxó de Etnoturismo

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IFBA- Instituto Federal da Bahia

ICOFOM - Comitê Internacional de Museologia

LINTER- Licenciatura Intercultural

PNMP - Parque Nacional Monte Pascoal

T.I. Terra Indígena

LISTA DE IMAGENS

- IMAGEM 1** - A Casa de Memória da Reserva da Jaqueira.
- IMAGEM 2** - Inauguração da Casa de Memória em 26 de abril de 2019.....
- IMAGEM 3** - Registro do museu em construção.....
- IMAGEM 4** - Escultura 1.....
- IMAGEM 5** - Escultura 2.....
- IMAGEM 6** - Escultura 3.....
- IMAGEM 7** - Escultura 4.....
- IMAGEM 8** - Escultura 5.....
- IMAGEM 9** - Escultura 6.....
- IMAGEM 10** - Escultura 7.....
- IMAGEM 11** - Escultura 8.....
- IMAGEM 12** - Escultura 9.....
- IMAGEM 13** - Escultura 10.....
- IMAGEM 14** - Cerâmica Pataxó.....
- IMAGEM 15** - Incensários e medalhões de cerâmica.....
- IMAGEM 16** - Esculturas em madeira (bonecas Pataxó).....
- IMAGEM 17** - Artefatos Pataxó.....
- IMAGEM 18** - Artefatos de fibra.....
- IMAGEM 19** - Algumas telas em exposição.....
- IMAGEM 20** - Incensário Pataxó em cerâmica.
- IMAGEM 21** - Oficina de cerâmica para os alunos da escola indígena da Reserva da Jaqueira.....
- IMAGEM 22** - Visita de alunos da escola indígena ao museu.
- IMAGEM 23** - Aula para turma de alunos da escola indígena no museu.....
- IMAGEM 24** - Oficina de cerâmica para jovens da Jaqueira.....
- IMAGEM 25** - O artista Oiti Pataxó.....

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - RETOMADAS, ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA	22
1.1 O Povo Pataxó hoje.....	22
1.2 A T.I Coroa Vermelha, território ancestral do povo Pataxó.....	25
1.3 A Reserva Pataxó da Jaqueira.....	27
1.4 Um pouco da História da Casa de Memória –kijemi ũpú ābakoháy Pataxó upâ kahtenig.....	31
CAPÍTULO II - MUSEU PATAXÓ E AFIRMAÇÃO CULTURAL	36
2.1 Autobiografia de Oiti Pataxó.....	36
2.2 O acervo em exposição no Museu Pataxó da Reserva da Jaqueira.....	40
2.2.1 As esculturas	40
2.2.2 As peças de cerâmica	52
2.2.3 Outras artes expostas no Museu	53
2.3 As palestras de cultura: afirmação cultural e educação decolonial.....	56
2.4 O Museu Pataxó em contexto etnoturístico.....	59
CAPÍTULO III - CASA DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO INDÍGENA	62
3.1 A Resgate da Cerâmica e o contexto da educação escolar indígena.....	63
3.2 O projeto educacional da Casa de Memória.....	69
3.3 Portfolio para a prática indígena docente no campo da Arte e Memória.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
Referências.....	81

INTRODUÇÃO

Devo começar contando como foi a luta de conquista desse território Pataxó, onde estamos situados, tendo em vista que a luta pela terra é uma das principais pautas do movimento indígena no decorrer do processo histórico. Em 1998 a Coroa Vermelha foi demarcada e homologada como Terra Indígena, tendo sua organização em duas glebas: a gleba A, na beira do mar e a gleba B dividida em roças e florestas em cima do tabuleiro. Assim abrangendo três setores: urbano, agrícola e preservação ambiental (SAMPAIO, 2010). Esta Terra Indígena é um território tradicionalmente ocupado e a sua habitação pelos Pataxó é um direito originário:

A constituição brasileira de 1988, que como todas as precedentes desde 1934 - reconhece aos povos indígenas, em seu artigo 231, os “direitos originários”, sobre as “terras que tradicionalmente ocupam”, definem no parágrafo primeiro do artigo que “são terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem - estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições” (Brasil 1988). (SAMPAIO, 2010 p. 63)

A Reserva da Jaqueira pertence a Gleba B da Terra Indígena de Coroa Vermelha e está localizada em uma Área de Proteção Permanente com 827 hectares de mata atlântica, uma das dez florestas tropicais mais ameaçadas do planeta¹ e a ela nós pertencemos.

Naquela época, quando iniciamos a retomada dessa área de mata, ela estava sendo ameaçada por uma empresa imobiliária. A comunidade ocupou o local durante todo o processo de luta das lideranças pela demarcação da área. Esses dias foram intensos, buscávamos força nos encantados e na floresta: alguns parentes iam buscar folhas de banho e outros a resina da amesca, uma planta sagrada para nós, para incensar e purificar o local do ritual.

Em 1997, retomamos e retornamos a um de nossos territórios originário de forma pacífica, garantindo o futuro de nossos filhos e netos. Com a retomada desse espaço de mata atlântica e a frequente participação dos jovens nas atividades culturais na Reserva da Jaqueira o fortalecimento cultural e da identidade Pataxó da comunidade de Coroa Vermelha foi desenvolvendo a cada dia. Alguns dos jovens

¹ De acordo com estudo da ONG Organização Conservação Internacional. Disponível em <<https://exame.com/mundo/as-10-florestas-mais-ameacadas-do-planeta/>> Acesso em 23 jun. 2020.

iam descobrindo dentro de si a vontade de se pintar, de melhorar nos traços e se transformar em pintores de grafismos mais delineados e bem trabalhados. Desse modo, começamos a descobrir as pinturas corporais de forma cotidiana, e na conexão espiritual com os nossos ancestrais nas suas formas de se pintar e de compartilhar da prática do ritual do Awê como forma de fortalecer o espírito de guerreiro.

As pinturas a cada ritual iam se formando e materializando como segunda pele, a proteção do guerreiro que até hoje fazemos; e nossos filhos aprendem desde muito cedo também a explorar sua própria pintura em seus corpos, pois ela é parte da sua identidade. E assim foi acabando o medo de nos identificar como Pataxó devido ao preconceito que sempre existiu contra os povos indígenas. Passamos a mostrar nosso orgulho em ser Pataxó e no o dia-a-dia, nas escolas, na rua, andávamos sempre pintados e ornamentados com adereços tradicionais.

Começamos então, a identificar as nossas verdadeiras pinturas, como por exemplo, as pinturas dos solteiros e casados, as pinturas dos homens e as das mulheres. A pintura corporal é um bem cultural de grande valor para nós. Ela representa parte da nossa história, revela sentimentos cotidianos, são bens sagrados. Por muito tempo, as pinturas foram pouco usadas e quase se perderam. Hoje, depois de pesquisas e discussões na comunidade, começamos a usar novamente a pintura corporal em festas tradicionais da aldeia como ritos de casamentos, nascimentos e morte, comemorações do dia -a- dia, em apresentações e danças, entre outras. Temos pinturas para o rosto, braços, costas e pinturas para as pernas. Usamos pinturas específicas para homens e crianças.

Ao longo do tempo, o trabalho da Reserva da Jaqueira foi compartilhado com outras comunidades Pataxó, pois tornou-se um espaço de referencia no fortalecimento e criação de pintura corporais, dos cânticos, rituais, bem como no aprendizado da língua pataxôhã, além do ensino das histórias Pataxó que vem dos saberes dos velhos “anciões” aos filhos e netos. O anciões são nossos livros, doutores da nossa cultura ancestral.

Dentro da Reserva da Jaqueira, somos como uma grande família, composta de 34 famílias e no total 126 pessoas que vivem e trabalham. Temos escola, museu, brigada Pataxó, espaços de ritual, viveiros de plantas e espaço de comercialização

de artesanatos, entre outros espaços. Um lugar que para nós Pataxó é considerado sagrado. Aqui temos os conhecimentos e espaço para seguir praticando a nossa cultura, e dando visibilidade ao nosso modo de viver tradicional mediante o etnoturismo, afinal, milhares de pessoas passam por aqui, todo ano.

Em 2019 foi construído mais um espaço na Reserva Pataxó da Jaqueira, um *kijemi* para abrigar um pouco da memória do Povo Pataxó, que chamamos de Casa da Memória *kijemi ũpú ãbakohãy pataxó upâ kahtenig*. Em suas perspectivas de construção do conhecimento e da educação escolar indígena diferenciada, o museu indígena comunitário da Reserva, inaugurado no dia 26 de abril de 2019, se institui como espaço de memória e centro de documentação em um território originário, a Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

A ideia de museu constitui-se pelos semblantes violentos e colonizadores da objetivação das expressões culturais nativas, em seus espaços. Por se trabalhar com o objetivo de descolonizar é que se passa a fazer o uso do termo Casa de Memória, por falar de nossa própria história. As iniciativas de memória promovidas pelos povos originários corresponde a um momento importante de reflexão coletiva sobre os processos de intensa transformação cultural aos quais estamos submetidos.

O Museu foi feito na comunidade da Jaqueira por ser este um lugar de afirmação cultural do nosso povo Pataxó, de importância histórica. Vimos a urgência de criar mais um espaço de afirmação, de forma que as pessoas da comunidade e as que não são, ou seja, visitantes e sobretudo turistas - posto que a Reserva pratica o etnoturismo- pudessem desfrutar da experiência de conhecer um museu indígena e, o mais importante, a nossa história, contada a partir do ponto de vista indígena.

Como arte indígena originária e contemporânea na construção deste espaço museológico, há um deslocamento do lugar de onde o discurso é construído e nosso povo assume um claro posicionamento perante a construção social da memória. Resignificam a sua memória a partir do contato com os diversos sentidos incorporados dos objetos, dos lugares, dos saberes e em contato com os seres não-humanos. Essa análise expressa o pensamento Pataxó presente nas diversas manifestações, bem como a contextualização e os processos em que ocorrem a

produção, relacionando-a aos princípios ancestrais e morais do ensino de uma educação escolar diferenciada².

Enquanto artista Pataxó e professor de arte com formação em Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia, minha missão é de ser um multiplicador da arte e cultura tradicional Pataxó. Dessa forma, busco formas de afirmar a minha cultura através das pinturas, esculturas, desenhos e também participando das atividades diárias na Reserva da Jaqueira buscando os significados da pintura corporal, com formas de pinturas vivas, contribuindo para manter a beleza das atividades na comunidade como o ritual do casamento Pataxó e do batizado em que usamos o tawá (argila) nos corpos de todos, incluindo crianças e jovens.

Entre as atividades na Reserva da Jaqueira temos, por exemplo, a caçada do guerreiro pintado, que para os jovens significa o espírito do animal; ele simboliza força, coragem etc. Temos também a luta corporal Patxiw-Miukay, como expressão de resistência, onde pintamos o corpo com o uso de jenipapo, urucum e argila.

Foi Convivendo com essas realidades, que vi a necessidade e a capacidade de sair para estudar na universidade, para que eu adquirisse os meios e instrumentais necessários para construir um espaço onde eu pudesse mostrar ao meu povo o significado e a importância de guardar e preservar nossas memórias e histórias, tendo em vista o entendimento de que

Reconhecer e valorizar os saberes e línguas indígenas na escola não pressupõe virar as costas para as ciências acadêmicas. O diálogo intercultural crítico é necessário, e desta vez, os diversos conhecimentos sentarão à beira da fogueira para dialogar em pé de igualdade. Ali serão expostas as feridas e cicatrizes da violência colonial, através de um mergulho nos tempos, gerando um movimento que aproximará o presente, o passado e as perspectivas de futuro para os nossos povos e para a humanidade. (KAYAPÓ, TERENA E CANCELA, 2020 p. 52)

Esse espaço hoje está materializado no museu indígena comunitário da Reserva da Jaqueira, embora tem muito a ser feito ainda. A instalação do museu na comunidade auxilia no fortalecimento da nossa autonomia perante o Estado. É o espaço onde nossos anciões narrarão suas memórias e contarão suas histórias,

² “A atual escola indígena pretende ser uma escola dos povos indígenas, e sua construção, enquanto específica e diferenciada, está em curso desde 1988, quando foi garantido juridicamente a estes povos o direito à diferença. É sobre essa nova escola que trata este texto. (MEDEIROS, p. 1)”. [...] “Segundo este novo modelo de educação escolar indígena, a escola deve ser comunitária, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada (BRASIL, 1998, apud MEDEIROS, p. 3)”

acessando as vozes dos nossos antepassados. Esta compreensão de museu como espaço de memória, fez mover minhas energias em favor da criação de um ambiente educativo e dialógico, que está a disposição da comunidade, especialmente dos alunos das escolas das comunidades Pataxó, que poderão conhecer com profundidade e protagonismo do nosso povo, tendo acesso a aulas, explicações e pesquisas sobre a memória Pataxó, em diálogo com outros conhecimentos.

Uma das nossas formas de expressão artística atualmente presente no museu são as esculturas, que apresenta o povo Pataxó com protagonismo, em um espaços criados por nós, de forma a darmos continuidade a nossas histórias ancestrais vivas. Apesar da perda de muitos mais velhos das comunidades Pataxó damos continuidade aos ensinamentos dos anciãos, à prática da produção do artesanato, de artefatos, de esculturas e de outras expressões artísticas do nosso povo.

Por muito tempo, o nosso povo permaneceu calado e sendo violentado e silenciado por se recusar a entregar sua liberdade ao colonizador. A respeito da exploração estrangeira perpetrada até hoje contra os povos da América Latina, Eduardo Galeano escreve, em *As Veias Abertas da América Latina*:

Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. (GALEANO, 2017 p. 18)

Nesse contexto de expropriação, nosso povo foi oprimido e subalternizado, expropriado e escravizado. Sobre a categoria subalterno, Spivak (1985) propõe o rompimento com silêncio dos grupos subalternizados. O debate proposto converge com o contexto da presente pesquisa, uma vez que o povo Pataxó, enquanto povo subalternizado teria alguém para falar por ele, seus tutores centrados no Estado, tendo como representante a FUNAI, que foram apresentados como protetores dos povos indígenas.

Hoje, perante o conhecimento dos anciões, nossos autênticos “doutores”, tivemos o conhecimento sobre a possibilidade de nós, Pataxó, falarmos por nós

mesmos diante do poder público e das instituições da sociedade civil, rompendo os tempos da tutela estatal que pretendia integrar-nos a sociedade brasileira.

Diante do exposto, este trabalho de mestrado objetiva apresentar o trabalho que vem sendo desenvolvido na Casa de Memória da Reserva da Jaqueira, com um viés educacional que visa a construção de ações pedagógicas, amparadas pela temática museológica no seu sentido amplo, em parceria com lideranças tradicionais (pajés, rezador, bezendeira, caciques e anciãos) e com as escolas indígenas. A centralidade do estudo está nos debates em torno da importância e do processo de revitalização das pinturas corporais, artes visuais, cânticos e rituais sagrados do povo Pataxó, e o diálogo dessas tradições com a escola na aldeia. Também visa demonstrar a importância do museu para o diálogo intercultural com os turistas, no âmbito do trabalho em etnoturismo.

Sobre a temática acima exposta, Arissana Souza (2012) lembra que os conhecimentos tradicionais do povo Pataxó são heranças que chegam a nós ao longo ao tempo:

A produção de antigamente nos mostra o rico conhecimento que os mais velhos têm da natureza, do meio ambiente e, principalmente, da vegetação que faz parte do seu território, pois demonstra a relação de proximidade que eles sempre tiveram com o lugar em que sempre viveram. Observamos também que a produção dos Pataxó não é fruto de um aprendizado recente, mas um saber que vem de gerações e que se perpetuou até os dias de hoje. (SOUZA, 2012 p. 41)

Hoje, temos a oportunidade de conhecer e acessar formas de resguardar esses conhecimentos, para que não se percam, para que se fortaleçam e permaneçam vivos na memória e nas práticas cotidianas do nosso povo, especialmente para as novas gerações.

Para fins de análise—no presente trabalho, quando falamos em memória, estamos considerando a memória social, uma categoria de análise propriamente dita, a qual já foi explorada vastamente e analisada minuciosamente no livro “O que é memória social?” (vários autores). Especificamente, propomos a seguinte conceituação elaborada por Gondar (2005):

Admite-se hoje que a memória é uma construção. Ela não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que fazemos a ele questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa

perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passado. [...] a memória é algo que eles mesmos [os homens] constroem a partir de suas relações sociais - e não a verdade do que se passou ou do que é. [...] a memória poderia ser entendida como uma construção social, mas a ênfase seria posta naquilo que, em um processo de construção, aparece como construído. (GONDAR, 2005 p. 19-21)

Diante disso, observo que estar na academia e o ato de pesquisar para nós, jovens indígenas, é um processo que pode vir a ser uma possibilidade para rompermos com a subalternidade e para construirmos os nossos projetos societários, a fim de colaborarmos com a autonomia das nossas comunidades.

O museu instalado na Reserva da Jaqueira é fruto de estudos que tive na Licenciatura Intercultural Indígena, a LINTER-IFBA. Foi ali que surgiu a proposta e o fomento do diálogo com a minha comunidade, resultando no projeto das esculturas que estão no museu, e depois veio a criação do museu propriamente, enquanto espaço físico, que já está funcionando. Temos visitantes o ano todo, pessoas que buscam o conhecimento ancestral e a cultural do povo Pataxó: acadêmicos das universidades, escolas e outras instituições que visitam o espaço cotidianamente.

A inserção da escola como um lugar de diálogo com a Casa de Memória é uma forma de ir para além do próprio museu, tornando-o em uma extensão da escola, buscando as brechas de interação que colaborem na produção de novos conhecimentos, que valorizem e fortaleçam os saberes locais e o povo Pataxó. No museu trabalhamos com exposição de fotografias, textos, vídeos músicas, rituais, cânticos, esculturas, cerâmicas e telas (pinturas), produzidos também com a matéria prima que buscamos na própria aldeia, incluindo os conhecimentos orais, que buscamos como um momento de diferenciar a educação indígena da educação escolar indígena, mas promovendo o diálogo, produzindo o que denominamos de educação escolar indígena diferenciada, que se opõe à educação colonizadora e opressora. Todo esse movimento pressupõe ainda reivindicar o respeito às línguas maternas, aos conhecimentos ancestrais, às cosmologias e os modos próprios de organização sócio-política, temas muito conhecidos por parte dos anciões.

Para nós, Pataxó, trabalhar determinadas temáticas que envolvem tecnologias e diálogos interculturais ainda é novidade, especialmente para os mais velhos, por isso está sendo uma experiência nova o conhecimento produzido com

protagonismo, para ser compartilhado por todos, considerando que historicamente através das instituições educacionais os indígenas eram colocados apenas em lugar de receptores de modos de pensar construídos de fora para dentro das comunidades. Nesse sentido, o museu serve como um repositório (espaço de troca e diálogo) de interação dos conhecimentos tradicionais com a contemporaneidade, entendendo que tais conhecimentos estão em constante construção e se atualizam no presente.

A nossa luta pela afirmação da cultura pataxó vem se fortalecendo com a retomada de nossas tradições, seja na história, na oralidade, na espiritualidade, na cultura e na construção da memória. Para nós, vivenciar a cultura dos nossos antepassados no presente é um desafio, em que aprendemos a conviver nos dois mundos que nos rodeiam: o mundo indígena e o mundo não-indígena. Buscamos o diálogo sensato entre os dois mundos, no entanto está em primeiro plano a nossa espiritualidade originária, que permite a conexão desses mundos, no sentido de não perdermos a nossa identidade no contexto de pós-modernidade, lembrando Hall (2006).

Estamos em processo de revitalização da língua materna- Patxohã, e para tal a usamos nas relações costumeiras, dialogando com os parentes das aldeias e mesmo da comunidade durante a produção e comercialização dos artesanatos, nos encontros, nas rodas de conversas e na própria escola. Vivenciar as tradições do nosso povo é uma satisfação e um aprendizado constante, que a nossa líder Nitynawã Pataxó sempre lembra: “se somos índios, vamos viver como índios”.

Praticar as nossas tradições em qualquer espaço físico é estar se afirmando e fortalecendo os nossos modos de organização sócio-política. Realizar o nosso AWÊ³, é a forma de buscarmos forças espiritual e ancestral do nosso povo. Os cânticos são nossas rezas. Da mesma forma, produzir os nossos artefatos e os artesanatos é uma forma de afirmação da nossa cultura. Uma afirmação cotidiana, que está no uso dos nossos utensílios, está na coleta do material artesanal na floresta, está na produção de armas de caças, pescas e está no uso de adereços.

³ Awê é o ritual tradicional de celebração. Envolve dança e música do povo Pataxó, geralmente feito ao redor de uma fogueira, no qual guerreiros e guerreiras cantam e dançam ao redor da fogueira em círculo, em fila indiana. Vários cânticos tradicionais são entoados durante o Awê, que pode ser breve mas pode também durar horas. Os guerreiros tocam o maracá, instrumento ritual sagrado para o nosso povo.

Arissana Souza (2012), artista e professora Pataxó, em sua dissertação de mestrado afirma que a tradição da produção dos artesanatos é uma “herança familiar” (2012, p.77), passada de pais para filhos e de mães para as filhas.

Todo o conjunto de práticas culturais pode ser igualmente considerado patrimônio cultural do nosso povo. Por exemplo, trabalhar as pinturas corporais é a forma mais vaidosa de nosso povo se embelezar, e de ter uma proteção no seu corpo e rosto. Ao olhar e observar uma fotografia, ou mesmo um pedaço de espelho sentimos orgulho e a força dos nossos antepassados em nós. Do mesmo modo, vemos essa força presente na arte de forma identitária, como no caso dos grafismos, que para os Pataxó se revela uma arte cada vez mais elaborada e detalhada, os traços feitos com a sabedoria ancestral e bem elaborados, utilizando elementos/produtos da natureza: a argila, o carvão, o jenipapo e o urucum.

Todos esses modos de saber e fazer carregam um método milenarmente construído, um jeito de fazer próprio. Assim também tem sido a realização desta pesquisa de mestrado. Me inspiro na criatividade artística do povo Pataxó para pensar em uma pesquisa, cujo método venha a contemplar as demandas coletivas da comunidade.

Assim sendo, o método utilizado para a realização desta pesquisa é a história de vida, a história oral, que são metodologias que o meu povo já utiliza ao longo de muitas gerações. Para a historiografia dita oficial, só a partir da década de 1930, com a escola dos Annales, é que outras histórias foram levadas em consideração, bem como outros métodos de fazer, registrar e pensar a História começaram a ser vistos e reconhecidos. Isso foi uma artimanha do colonizador, ou seja, a negação de saberes e cultura que não tivessem vínculo com a escrita, justamente no intuito de tornar invisível essas outras narrativas.

Do ponto de vista da pesquisa, tal método é construído no diálogo com os anciões da aldeia, também com uma bibliografia selecionada, além da utilização do recurso da autobiografia para contar a minha história de vida, as minhas experiências enquanto professor de arte indígena, artista criador do acervo do museu, ativista e idealizador do programa museográfico de educação e do próprio museu na comunidade pesquisada.

O projeto educacional da Casa de Memória Pataxó da Reserva da Jaqueira, objeto de análise da presente dissertação, se realiza mediante uma experiência e uma concepção diferente de visitar e conceber um museu e de relacioná-lo a uma sala de aula. A experiência educacional decolonial no museu é lúdica e política, em um só tempo. No que diz respeito a decolonização de museus, para Bruno Brulon (2020),

Descolonizar museus e patrimônios é desnaturalizar a matéria sedimentada nas reservas técnicas dos séculos anteriores para imaginar outras materializações possíveis, para além dos regimes normativos que engendraram a museologia que nos foi legada. Descolonizar o pensamento sobre os museus e a museologia implica reimaginar os sujeitos dos museus, bem como os corpos passíveis à musealização. Isto é, num trabalho de arqueologia de nós mesmos e dos vestígios que escolhemos valorar, reimaginar as materializações possíveis em regimes museais descolonizados. A revisão do pensamento aqui proposta não prevê um abandono do dispositivo museu ou sua extinção para as sociedades do presente, mas a sua reinterpretação nos contextos tocados pela colonização, visando configurar novos regimes de valor para produzir patrimônios. (BRULON, 2020 p. 26)

Ao partir da reflexão de Brulon, entendemos que atualmente estamos provocando um exercício de reimaginação de sujeitos, ou seja, uma arqueologia de nós mesmos através da retomada da nossa autonomia. Essa autonomia se manifesta também na nossa produção artística e na produção de novas memórias, de novos significados. Partindo desse pressuposto, proponho com este trabalho uma visita às instalações e propostas do Museu Indígena Pataxó da Reserva da Jaqueira, as representações das temporalidades e situações históricas diferentes do povo Pataxó nele expostas.

O museu citado é uma instalação nova, mas os elementos culturais nele expostos são de tradições ancestrais e nele há muitas histórias para serem contadas. Assim, os monitores e educadores indígenas realizam palestras sobre o acervo, especialmente sobre as esculturas e outras obras presentes no local, tornando-o um espaço educativo atraente e interativo, buscando a proximidade com a escola e com a realidade do povo Pataxó e com os demais visitantes. As visitas são agendadas para escolas, universidades e outros grupos de excursão, sendo que ele é aberto diariamente e recebe milhares de turistas o ano todo.

Ao trazer relatos de experiências profissionais e pessoais, busco compartilhar a experiência de educar através da arte, numa perspectiva interdisciplinar, abordando conteúdos interdisciplinares em um museu indígena, no âmbito de um programa museográfico próprio, autônomo, coletivo, comunitário e intercultural.

A dissertação está organizada em três capítulos, o capítulo I traz a história da criação do museu indígena comunitário da Reserva da Jaqueira que será apresentada de forma contextualizada. O capítulo apresenta os Pataxó, a Terra Indígena de Coroa Vermelha, a Reserva da Jaqueira e, por fim, apresenta a Casa de Memória Pataxó localizada na Reserva, bem como descreve como as atividades de educação e monitoria são realizadas no âmbito do museu.

Início o capítulo II com a minha autobiografia, relatando a minha trajetória de vida enquanto artista e liderança do movimento de afirmação cultural Pataxó e compartilho um pouco sobre a minha formação acadêmica e artística. Em seguida, descrevo os trabalhos artísticos que idealizei no âmbito do movimento de afirmação cultural Pataxó e que compõem o acervo do museu da Reserva da Jaqueira. Neste capítulo também abordo uma atividade essencial, que é a palestra educacional sobre a história e cultura Pataxó. No final do capítulo, contextualizo a importância do museu enquanto espaço de autoria e autonomia indígena no âmbito da atividade etnoturística desenvolvida pela Reserva Pataxó da Jaqueira e também no âmbito da educação escolar indígena, em uma perspectiva decolonial.

No terceiro e último capítulo, apresento aspectos do trabalho de retomada da cerâmica na Reserva da Jaqueira e a relação da prática e do aprendizado da cerâmica com a educação indígena, a partir da minha experiência prática enquanto artista indígena e professor de arte na escola indígena. Para concluir, apresento um portfólio como material didático que poderá ser usado por professores indígenas no ensino de Arte nas escolas indígenas.

CAPÍTULO I - RETOMADAS, ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA

1.1 O povo Pataxó

O povo originário Pataxó, etnia indígena da qual faço parte, está distribuído em mais de 46 aldeias, em sua maioria localizadas na Bahia nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Prado e algumas no Estado de Minas Gerais.

Somos falantes do português e da língua Patxohã, que significa “língua de guerreiro”. Esse é o nosso idioma originário que vem sendo retomado e que está a cada dia mais presente no nosso cotidiano. Fazemos parte do grupo linguístico denominado Macro-Jê e constituímos atualmente uma população de aproximadamente treze mil pessoas⁴. Somos pertencentes originariamente ao território costeiro do Sul da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

A nossa aldeia mãe, denominada Barra Velha, localizada próximo ao histórico Monte Pascoal, símbolo da resistência Pataxó no território, é o local onde nossos antepassados diretos habitaram durante muitos anos, até que houve o Fogo de 51, evento que será comentado a seguir, e que marcou a dispersão de muitas famílias para os territórios habitados pelos Pataxó atualmente.

Desde a diáspora Pataxó, após 1951, começaram a surgir os movimentos de retomada dos territórios Pataxó tradicionais ao longo da costa do Sul da Bahia e em Minas Gerais. De acordo com o Inventário Cultural Pataxó, produto de uma pesquisa realizada em 2011 pelos pesquisadores Pataxó do grupo ATXOHÃ⁵, os espaços de afirmação cultural sempre foram considerados por nós, Pataxó, lugares sagrados, moradias dos espíritos, lugar de rituais, repleto de muitas energias positivas (Inventário Cultural Pataxó, 2011). Assim é a Reserva da Jaqueira para nós: um lugar sagrado, símbolo da resistência e da luta do povo Pataxó pela recuperação de suas terras e valorização da sua cultura.

⁴ De acordo com o Censo de 2010 informado pelo Instituto Socioambiental, disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>> Acesso em 26 de outubro de 2021.

⁵ Grupo de pesquisa da Língua e Cultura Pataxó formado por pesquisadores Pataxó

De acordo com o Inventário Cultural Pataxó (2011), o trágico evento que marcou a diáspora Pataxó de Barra Velha ficou conhecido como “Fogo de 51” e os conflitos territoriais com os administradores do PNMP - Parque Nacional Monte Pascoal, resultaram no distanciamento de famílias Pataxó por todo extremo Sul da Bahia. Nessa diáspora forçada, alguns grupos Pataxó se refugiaram em fazendas, sítios próximos, cidades vizinhas e outros fugiram para lugares mais longes. Assim mantiveram condições mínimas para manter sua sobrevivência física e cultural. Com o tempo alguns desses lugares de abrigo se transformaram em ponto de resistências e de ressurgimento de seus domínios. Acerca da história do trágico episódio Fogo de 51, o Inventário Cultural Pataxó relata que

No ano de 1951, dois indivíduos chegaram na aldeia de Barra Velha com a notícia de que eram os responsáveis pela demarcação da terra indígena. Identificados genericamente como “engenheiro” e “tenente”, os dois homens estimularam a rivalidade contra os não-índios dos arredores, resultando num saque a uma venda na povoação de Corumbau. Na fuga, os índios foram instruídos a cortarem as linhas do telégrafo e a se aquartelarem na igreja da aldeia. Três dias depois, uma forte repressão policial atacou Barra Velha. Policiais de Prado e Porto Seguro chegaram na aldeia disparando intensa chuva de balas e queimando o que encontravam pela frente. Os dois líderes não índios foram mortos, o capitão Honório foi preso, dezenas de índios foram detidos e inúmeros fugiram para o mato em busca de proteção. Perseguidos, os índios foram se espalhando pelas fazendas da região. Após o cessar-fogo e a ordem de libertar os índios, algumas famílias indígenas resolveram retornar à aldeia destruída, outras optaram por silenciar sua origem étnica como defesa contra a violência e o preconceito. (POVO PATAXO, 2011, p. 38)

Por outro lado, tais conflitos estimularam grupos Pataxó a viverem espalhados por toda região e a reivindicarem a demarcação de seus territórios. Dentre os territórios Pataxó demarcados pela Fundação Nacional do Índio- FUNAI está a Terra Indígena de Coroa Vermelha, localizada no território de identidade conhecido como “Costa do Descobrimento”, na qual está a Reserva da Jaqueira, onde o nosso museu está inserido.

Esta denominação que remete ao “descobrimento” é ofensiva para o povo Pataxó porque não entendemos que o território foi descoberto e sim invadido no qual nosso povo foi brutalmente massacrado no processo de colonização e quase desapareceu, com todas as suas tradições e cultura. Até hoje sofremos os flagelos da colonização, sofremos preconceitos da sociedade envolvente por sermos indígenas e temos que lutar, por vezes com a própria vida, pela retomada dos nossos territórios.

Atualmente os Pataxó mantêm uma organização e luta em torno da conquista do território originário, cada vez mais cientes de como fazer para ter os direitos respeitados, e se tornando cada vez mais atuantes, com organizações fortalecidas para a realização dos diálogos com o Estado e com a sociedade civil.

Unindo a sabedoria dos velhos anciões com a responsabilidade assumida pelas jovens lideranças que estão no meio acadêmico, acreditamos que nossas vozes serão ouvidas (POVO PATAXÓ, 2011). Os anciões são pessoas com mais idade e que estão na comunidade para ajudar com seus conhecimentos tradicionais no momento em que o povo precisa de seus conhecimentos ou saberes. Quando há várias comunidades na mesma região há mais anciões presentes naquele convívio. As atividades pesadas já não fazem mais, mas usa a sua oralidade para ajudar, pois muitos deles tem suas atividades do uso da cura, da espiritualidade e se mantêm ativos como rezadores, pajés e lideranças. Usam seus saberes e conhecimentos para ajudar o povo a nunca esquecer as memórias. Dessa forma, o trabalho de repassar a memória são deles e assim fazem conversando com os jovens as suas práticas ancestrais.

Em cada comunidade existem anciões, que são pessoa mais velhas consideradas como um símbolo de resistência de raízes familiares Pataxó que nas sua juventudes já lutaram em grandes retomadas de seus territórios e presenciaram diversos conflitos, como o Fogo de 51. Ou mesmo acompanharam seus antepassados nas roças, nos plantios, nas caçadas, nas pescas e na práticas de fazer seus artesanatos e artefatos.

Hoje esses anciões tem histórias que são transmitidas através da oralidade em seus grandes momentos de vida. Ao morrerem deixam um grande legado, saberes e conhecimentos. Falar deles é resgatar suas memórias para filhos e netos conhecerem todas a suas vivências passadas e, destacar o quanto eles contribuíram para suas comunidades.

Vivemos em um continente que desde a sua invasão, no fim do século XV e início do XVI, se estabeleceu uma relação desigual e opressora dos que dominam e a resistência dos que são dominados. Esse domínio pressupõe não apenas o jugo dos povos originários, mas também a irracional exploração dos recursos da mãe

terra, de tal forma que vivemos em um momento de crises socioambientais profundas, enquanto os povos indígenas, que resguardam saberes capazes de colaborar na proteção da humanidade e dos recursos naturais, são sistematicamente violentados em suas formas de pensamentos, tradições, cosmologias e línguas (KRENAK, 2019).

Para Kayapó, Terena e Cancela (2020 p. 51),

No percurso de contato dos colonizadores portugueses e do Estado brasileiro com os povos originários, identificamos ações detratórias que promoveram e promovem o etnocídio, o epistemicídio e o desaparecimento de saberes, línguas e cosmologias. Políticas de Estado que prometiam salvar almas e que se diziam promotoras da civilização e da cidadania, por trás da ideia de progresso, vilipendiaram os povos originários com opressão e violência sistemáticas.

Toda a violência colonizadora desestabilizou os povos indígenas, extinguiu povos e línguas e colocou os nossos povos em situação de subalternos. Atualmente buscamos a revitalização de nossas tradições, línguas e cosmologias, sendo que é crescente o número de Pataxós que ingressam na academia, tornando-se intelectuais e pesquisadores da nossa própria tradição, defensores dos direitos originários.

Para nós indígenas, estarmos à frente da nossa cultura buscando cada vez mais a retomada dos nossos conhecimentos tradicionais é a matéria prima para realizar um movimento intelectual de defesa do nosso povo e das nossas trajetórias de vida, marcadas pela transgressões ao pensamento colonial, que quer nos silenciar e apagar nossas memórias e saberes.

A nossa estratégia é construirmos o nosso próprio espaço político e social coletivamente, para o bem de todos, não só do nosso povo, mas pelo bem da natureza que é a nossa casa e também é a morada de todos os seres encantados.

1.2 A T.I Coroa Vermelha, território ancestral do povo Pataxó

Coroa Vermelha sempre foi um território indígena ocupado pelo povo Pataxó que a partir da década de 70 foi aumentando o número famílias Pataxó que vinham

fixar moradia e vender seus artesanatos. No entanto, somente em 1998 é que o povo Pataxó conquista o direito sobre o território, tendo a demarcação da área como Terra Indígena Coroa Vermelha. De acordo com o Laudo antropológico da Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha que consta no “Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena pataxó de Coroa Vermelha foi identificada em duas glebas. A primeira com 72 hectares denominada gleba A e a segunda com 1.420 hectares denominada gleba B. Ambas são “separadas por uma faixa de aproximadamente 6 km - entre as margens esquerda da br 367 e a base da encosta” (SAMPAIO 2010, p. 58). Como já citado, Coroa Vermelha situada na gleba A, possui área urbana na beira mar, abrangendo três setores: urbano, agrícola e de preservação ambiental. E a gleba B é a porção predominante de mata atlântica, onde encontra a Reserva da Jaqueira.

Devido a estreita relação do povo Pataxó com a natureza e o seu conhecimento tradicional do manejo sustentável da biodiversidade da região, herdado ao longo de gerações e gerações, pode-se afirmar que Coroa Vermelha é um território tradicionalmente ocupado por nós, Pataxó. Isso se revela no profundo conhecimento da vegetação e dos seus usos medicinais e cotidianos, como para a confecção de artesanato; e da fauna nativa também (FERREIRA, 2018). A esse respeito, Sampaio avalia em seu laudo antropológico de demarcação da terra que

A importância do artesanato para a economia e para a própria identificação social dos pataxó contemporâneos tem gerado uma rica elaboração formal dos seus produtos e um complexo universo representacional no relacionamento destes índios com a sociedade envolvente [...]. No que aqui concerne, parece suficientemente caracterizada a relevância para a subsistência e a reprodução física e cultural desse segmento social indígena, do território explorado, disputado pelos Pataxó na Coroa Vermelha, tanto no que diz respeito a mata - fonte de matéria prima e “locus” de uma importante dimensão identificatória do grupo em sua “relação com a natureza”. Quanto ao estratégico controle do espaço simbólico do “portal da primeira missa”. (SAMPAIO, 2010 p. 51)

A conquista da demarcação da Terra Indígena de Coroa Vermelha se deu através de uma luta muito grande protagonizada por nós, Pataxó de Coroa Vermelha, e com a participação ativa das lideranças da Reserva da Jaqueira, que faz parte da referida Terra Indígena Coroa Vermelha. A “Celebração dos 500 anos” na Coroa Vermelha foi um momento histórico porque acirrou conflitos entre brancos e indígenas dentro do território e a partir de então passou ser um destino turístico

bastante atrativo não só para os turista, mas também para comerciantes, donos de barracas e rede de hotelarias. Infelizmente até hoje a questão territorial acirra conflitos entre a comunidade e os não índios.

Nessa época, deu-se início ao etnoturismo na Reserva da Jaqueira, como uma forma de resistência ao turismo predatório que começava a ameaçar tanto as belezas naturais da região como também as populações tradicionais. Em “Lições de Abril”: construções da autoria entre os Pataxó da Coroa Vermelha (2002), tese de doutorado publicada em livro em 2011, América César nos oferece uma etnografia bem detalhada daquele momento histórico. O primeiro capítulo da tese, intitulado “A Guerra dos 500 Anos”, exemplifica a questão:

Se as comemorações dos 500 anos do Brasil foram, do ponto de vista oficial, um motivo para rememorar e fortalecer o imaginário de uma nação que se quer nascida sob o signo da cruz européia, pretendendo-se projetá-la no mar bravio do mundo globalizado, o que terminou por atravessar, de volta, os oceanos, foram notícias do naufrágio da nau capitânea e a imagem do índio Gilson Terena ajoelhado perante cötornos, escudos e fuzis de policiais militares. O Ministro da Justiça, José Gregori, retoricamente, teria afirmado: “Afiml, não houve mortos, nem feridos!” Contabilizadas por alto, no entanto, ficaram visíveis, a olho nu, as fraturas provocadas na imagem de nação pretendida pelo governo, no próprio governo, no movimento indígena e indigenista, e, em especial, na organização interna dos Pataxó, principalmente da comunidade de Coroa Vermelha, cujas terras indígenas serviram de palco para a saga comemorativa. (CESAR, 2002 p. 13)

Na seção a seguir, apresentarei a história da luta pela retomada e demarcação desse território que passamos a denominar Reserva Pataxó da Jaqueira, e que desde então vem sendo uma referência de trabalho de afirmação cultural e de exercício do etnoturismo para toda a nação Pataxó. Nossa mais recente conquista foi o nosso Museu Comunitário, fundado com o objetivo de somar ao movimento de afirmação cultural, no sentido da valorização da cultura, da memória e da História do povo Pataxó.

1.3 A Reserva Pataxó da Jaqueira

A retomada da Reserva da Jaqueira se deu em 1997 e teve a área demarcada como Terra Indígena e homologada em 1998 pela FUNAI como extensão do território Coroa Vermelha. Está denominada como gleba B, que é a

parte mais alta que é chamada de tabuleiro, junto da aldeia da Agricultura, com roças; e da aldeia Mirapé. A área da Reserva da Jaqueira tem 827 hectares de Mata Atlântica preservada.

O território não se chamava Reserva da Jaqueira, mas sempre foi uma área onde nossos velhos colhiam frutos, caçavam, pescavam, de forma a preservar apenas para o usufruto da comunidade. Quem sempre andava nessa mata, um dia percebeu um movimento estranho de caminhões, tratores e homens que já estavam devastando a floresta, cortando árvores e limpando para transformar essa área em loteamento, era a empresa Góes Coahbita que alegava ser dona da área. Em uma tentativa de bloquear essa ação apreendemos os maquinários da empresa e logo a FUNAI, IBAMA e a Polícia Federal foram acionadas e se deslocaram até a localidade, que lá chegaram por volta das dez horas da manhã quatro agentes da Polícia Federal, quatro da FUNAI e três do IBAMA.

Enquanto as providências estavam sendo tomadas, as lideranças se organizavam e formavam uma equipe para ir até Brasília, com objetivo de garantir a demarcação dessa terra. As pessoas que estavam nessa comissão foram as seguintes: Cacique Carajá, Saracura, Remunganha e Chico Índio, todos da comunidade. Eles ficaram oito dias em Brasília para resolver essa questão, enquanto todos nós da comunidade permanecemos no local para impedir qualquer ação da empresa.

Por trinta dias houve muitas tensões e todos nós juntos impedimos que a área sofresse ataques de madeireiros novamente. A comunidade ficou sem dormir o tempo todo, fazíamos o nosso awê a noite e, assim enfrentamos o medo, mas ao mesmo tempo conquistamos o respeito de muitos, pois mantemos ali um espaço de preservação para as futuras gerações.

Depois de muitas mobilizações do povo Pataxó, no dia 18 de outubro do mesmo ano de 1998 foi publicado no DOU - Diário Oficial da União a homologação da Terra Indígena Coroa Vermelha, tendo a área de retomada da Jaqueira como parte desta Terra Indígena.

Outro aspecto que merece destaque sobre a Reserva da Jaqueira é que antes em Coroa Vermelha, só fazíamos o nosso Awê no dia 19 de abril. Raramente usávamos nossas vestimentas e pouca as nossas pinturas, porque tínhamos medo e éramos discriminados pelos não-índios. Foi então que entre o período de 1997 e 1998 reunimos um grupo de anciãos, jovens e crianças Pataxó e começamos o fortalecimento da nossa cultura junto a preservação ambiental.

Estávamos focados na preservação daquela mata, onde seria um grande passo para mantermos a nossa cultura de forma permanente, por ter o espaço físico, que é a morada dos nossos antepassados, mas precisávamos organizar um meio de sobrevivência com sustentabilidade, sem degradar a mata, um espaço para contemplar a natureza e observar os animais na floresta. Assim surgiu o projeto de ecoturismo, fizemos o manejo da floresta para realizar as atividades, aberturas de trilha na mata para apresentar aos visitantes as nossas riquezas tradicionais como o uso da medicina natural e a mostra das armadilhas de caça.

Nitynawã Pataxó, uma das três irmãs fundadoras da Reserva Pataxó da Jaqueira, formada em Licenciatura Intercultural pelo IFBA de Porto Seguro concedeu o seguinte depoimento sobre como começou o trabalho da Reserva:

Era um dia 01 de agosto de 1998, debaixo de um pé de laranjeira; percebemos que todos tinham um mesmo objetivo de vivenciar o modo de vida dos nossos antepassados e de ser uma área de todos nós Pataxó que para nós hoje se torna sagrado. Fomos orientados por Kapimbará a limpar o espaço dos kijemi para as atividades do Ecoturismo e as nossas moradias. Os kijemi seriam feitos a mostrar o passo a passo do que seria usado na culinária: peixe assado na folha da patioba; do kawĩ; do artesanato; da palestra; o viveiro na questão do reflorestamento. Com muitas dificuldades financeiras dificultava a mão de obra na construção e acabamento dos kijemi, coletamos muitas matérias prima: madeira, palhas na aldeia agricultura e em fazendas próximas. Com a visita do Deco, servidor da FUNAI ele apresentou a senhora Verônica que veio a procura da Naiara por cantar um cântico que a encantou no dia 06/04/1998. Verônica foi a pessoa que ajudou nós nas dificuldades e necessidades, e decidiu ajudar com um valor de mil e oitocentos reais na compra de materiais como a cobertura dos kijemi de piaçava, daí teríamos os kijemi em pouco tempo e, isso foi uma grande vitória em ter essa parceria da Jaqueira. Naquele momento tínhamos boas energia e nós não encontrávamos mais sozinho. A noite nos reunimos para fazer rituais com os mais velhos, fazíamos fogueiras e ali contávamos as nossas histórias e aprendia com os mesmo que os nossos antepassados tinha deixado toda essa sabedoria até hoje. Com toda essa prática do dia-a-dia fomos ganhando forças e ganhando conhecimento na preparação dos alimentos, dos remédios naturais e nas pinturas sagradas (pintura corporal e facial) sendo elas de solteiro e casado tanto pra homem quanto pra mulher e a do corpo. A cada momento que passa as pinturas vão se melhorando os traços, os grafismos embeleza nossos corpos dando

proteção espiritual. Alguns jovens que iam se destacando nos grafismos e nos desenhos eram os que pintam todo o grupo, de forma a nos identificar melhor como nós Pataxó. E assim vamos perdendo o medo de mostrar a sociedade de fora que nós somos indígenas Pataxó. Da convivência que tivemos com os anciões, veio o aprendizado da língua Pataxó, que para nosso povo hoje é chamado Patxohã, que fizemos o resgate da retomada da língua com a Sra Zabelê e pelo senhor Prejuízo, tornando-se os primeiros doutores do ensinamento da língua. Daí tivemos experiências com outras comunidades Pataxó de Minas Gerais, com o professor Kanaty Pataxó, que teve a Nayara como sua aprendiz da cultura, por ter sua comunidade a ter o hábito de ter o diálogo, cortando na língua e de muitos outros falar como meio de fortalecimento cultural. Com todos esses momentos juntos esse grupo Pataxó teve como ser uma espécie de grupo de pesquisa interno das comunidades e com cada idéias e momentos esse grupo crescia dando um nome que é o grupo ATXOHÃ, com outros jovens convidados de outras aldeias e o reconhecimento veio de fato que fortaleceu as bases das comunidades para projetos futuros. Atualmente, o Aragwaksã tornou-se um dos eventos mais destacados na Reserva, convergindo com as comemorações da “conquista do povo Pataxó do território da Jaqueira”. É uma cerimônia realizada sempre em 1 de agosto, quando comemoramos o aniversário de fundação da Reserva com os parentes e outras aldeias Pataxó, e algumas instituições como prefeituras, Instituições de ensino e pesquisa e agências de turismo da região. Fazemos a demonstração das atividades que acontecem o ano todo, o casamento tradicional, simulação do namoro pataxó, brincadeiras e alguns esportes tradicionais, palestras sobre as nossas histórias e tradições, encontro dos anciões, rituais, fogueira, caçada dos guerreiros e batizado das crianças. E tudo isso serve para o nosso fortalecimento cultural.

Nitynawã é uma liderança da comunidade da Reserva da jaqueira que junto com suas irmãs Jandaia Pataxó e Naiara Pataxó lutam para que este espaço de preservação ambiental nunca se acabe e sim, ganhe forças para que filhos e netos consigam alcançar o nosso objetivo que é manter nosso local sagrado de resistência da nossa cultura Pataxó, junto ao etnoturismo que é a base que dá o sustento a nossa comunidade, pois nós criamos a reserva como o objetivo de proteger os animais e a mãe natureza. Ela sai em alguns momentos para fazer palestras culturais do nosso povo em alguns lugares, já esteve em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Campinas e na Alemanha onde pôde ir palestrar e reconhecer alguns objetos nossos Pataxó em um Museu e que foram levados pelo príncipe Maximiliano que percorreu nossa região no início do século XIX, por volta do ano de 1816.

Na condição de liderança e moradora antiga da aldeia, Nitynawã Pataxó conhece os detalhes sobre a comunidade, e tem buscado a força ancestral, colaborando efetivamente no fortalecimento do nosso povo. Trata-se da criação de um núcleo ancestral, um ponto de força, de reviver o ser Pataxó. É uma expressão ritual em um movimento de resistência na terra da qual fomos expulsos, para a qual

retornamos e que foi ressignificada, ao torná-la um pólo de resistência, tendo a cultura como elemento definidor.

A Reserva da Jaqueira, proporciona um espaço de educar os jovens para um futuro melhor por ser um lugar que traz conhecimentos e saberes que ajudam na vida diária da juventude Pataxó. Trabalhar com a comunidade é prazeroso, pois vemos cada vez mais jovens a buscar conhecimentos e interesse de estudar em diferentes áreas de atuação para exercer funções dentro da comunidade.

Na Reserva da Jaqueira sempre temos o momento do awê, realizamos um círculo na hora da dança e buscamos proteção dos nossos antepassados com cânticos ancestrais, com uso do maracá, das indumentárias pataxó que usamos para fortalecer nosso espiritual, com pinturas de argilas, jenipapo, urucum de uso ancestral na cosmologia. O pajé em sua linha de frente com suas rezas e seu dom espiritual que se manifestam com seu coco de incenso, maracá e seu *timbero* acompanha o grupo lançando fumaças com as misturas de ervas medicinais protegendo os guerreiros e fortalecendo seus cantos mais profundos. Respiramos, transpiramos e adquirimos novas energias da terra, do ar, da água, do fogo e de todas as energias positivas que formam a natureza.

Através de muita luta, hoje dentro do espaço da Reserva temos a Brigada de Combate a Incêndios Florestais Pataxó, um escritório do Etnoturismo, uma escola que atende crianças do pré ao quinto ano e o museu Casa de Memória, frutos dessa luta constante de todos nós na busca pelo melhor para a nossa comunidade.

1.4 Um pouco da História da Casa de Memória –*kijemi ũpú ābakohāy Pataxó upâ kahtenig*.

O museu, denominado na língua patxôhã *kijemi ũpú ābakohāy Pataxó upâ kahtenig* que significa Casa da Memória Pataxó da Jaqueira, funciona como centro de documentação artística onde é possível encontrar um conjunto de informações sistematizadas. Desse modo, tornou-se, paulatinamente, um espaço com importante

função pedagógica que colabora na construção de ações educativas e de produção e transmissão de conhecimentos.

O Museu foi criado com o objetivo de ser mais um espaço de retomada e fortalecimento dos conhecimentos dos nossos antepassados, deixados na memória dos nossos anciãos para contribuir na luta territorial. O povo Pataxó está em constante momento de afirmação cultural, em seus saberes e conhecimentos e juntamente com todas as comunidades estão na busca cada vez mais por conhecimentos específicos que ajudem a fortalecer o território. Temos certeza de que os territórios são os primeiros espaços que precisam ser garantidos, daí que vem a sabedoria dos nossos velhos e de sua profunda memória para buscar a intimidade da luta, para repassar os conhecimentos ancestrais e orientar os mais jovens, a fim de que, com um espaço ancestral possamos viver de forma a aprender e transmitir os conhecimentos medicinais, realizar momentos espirituais, fazer cerimônias com a força da mãe terra e rituais que fortalece os grandes guerreiros. Ter territórios garantidos significa que teremos também a garantia por uma boa educação indígena, preservação da produção dos artesanatos e vestimentas, assim como a realização de outras atividades como plantios, caça, pescas, rituais e cerimônias.

Por estar em atividades e sempre contribuindo na comunidade da reserva em praticar os conhecimentos da arte e sua produção e reprodução de artesanatos e artefatos. Como morador, sempre estive a buscar os saberes e conhecimentos no trabalho da arte Pataxó e sempre sonhei em está estudando e buscando mais conhecimentos específicos para fortalecer este lado da nossa luta. Desse modo, em 2011, tive a oportunidade de ingressar e participar da turma pioneira do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia- Campus Porto Seguro. A formação para professor na área de Códigos, linguagens e Arte em 2018, permitiu através do meu trabalho de conclusão a criação de dez esculturas que representa uma linha do tempo desde os primeiros contatos com os portugueses até os dias de hoje, os Pataxó no contemporâneo, com estéticas corporais de forma a apresentar ao longo dos tempos as transformações e mudanças seculares de resistência do povo Pataxó. As dez esculturas indígenas foram expostas no Museu do Descobrimento em Porto Seguro para levar ao público o meu trabalho enquanto indígena, artista e pesquisador. Em seguida exposta na Secretaria de Turismo e

Cultura de Porto Seguro por um longo tempo e depois retornou para Reserva da Jaqueira.

Em 2018 comecei um diálogo com a comunidade para criação do KIJEMI ŪPÚ ĀBAKOHĀY PATAXÓ UPĀ KAHTENIG, a Casa de Memória Pataxó da Jaqueira. A ideia sempre foi que fosse feita no formato circular do kijemi Pataxó, de paredes rústicas, cobertura de piaçavas e chão batido no formato tradicional. Se tornaria um local para expor as dez esculturas para compor uma exposição com outros objetos que poderiam ser encontrados na comunidade e assim expostos coletivamente na Casa de Memória para que visitantes e pessoas das comunidades indígenas, bem como as escolas tivessem acesso a um espaço de resistência e de memória. Por não ter alguns materiais necessários para construção desse espaço foi criado um mini-projeto juntamente com a professora e minha orientadora, na época, Carla Camuso do IFBA. Logo a comunidade aprovou e foram enviados para alguns parceiros que nos ajudou a buscar recursos.



Imagem 1 - A Casa de Memória da Reserva da Jaqueira. Fonte: o autor (2021)

A comunidade saiu a procura de um local no espaço da Reserva que desse para os visitantes ver e visitar conhecendo mais a história Pataxó. Juntos com algumas das lideranças, a Jandaya foi quem escolheu o local e teve um diálogo por

telefone com a Nelsida da Associação Oricana- Centro de Referencia da Cultura Indígena, que contribui com um recurso de dez mil reais para compra de materiais como piaçavas, madeiras e tijolos. Encontrado o local, logo foi limpo para esperar o recurso chegar.

Outra parceria veio da Escola Britânica de Bruxelas devido um amigo brasileiro que era estudante de lá, o Cristovão. Ele fez uma ponte com um professor que já tinha visitado a nossa comunidade em 2003, ainda no começo dos trabalhos da reserva, o senhor Barry Sayer, que ajudou com 2.850 euros. Assim, deu-se inicio a construção da Casa de memória com a contribuição da mão de obra da comunidade. No meio do ano de 2018 começamos e, finalizamos em 16 de abril de 2019.

No dia 26 de abril do ano de 2019 fizemos a inauguração com a participação de todos, em um trabalho coletivo de organizar os acervos, as esculturas e assim realizou-se a abertura do espaço que é comunitário e aberto as todas as comunidades Pataxó. Foram convidado todos os parceiros e instituições que contribuíram nas melhores formas possíveis como o representante do coordenador da Escola Britânica de Bruxelas; Serviço Social do Comércio de Porto Seguro; escolas das comunidades Pataxó; Museu do Descobrimento; Secretaria de Cultura e Turismo; Veracel; Brigada Indígena Pataxó da Jaqueira; Agências de turismo, membros das comunidades Pataxó; lideranças Pataxó; alunos da UFSB e outras instituições. Todos presentes no momento para ver a comunidade receber um potente espaço para a guarda do seu patrimônio cultural.

Após a inauguração, o espaço foi aberto para visitas recebendo diariamente escolas e turistas que vem conhecer o espaço e são atendidos com palestras e obtém conhecimentos sobre os objetos e as esculturas do acervos do *kijemi ũpú ābakohã y pataxó upâ kahtenig (casa de mmemória pataxó da Jaqueira)*.

Por muito tempo trabalhei como professor na escola da comunidade, mas nesse período tive que sair para dar continuidade ao projeto da Casa de Memória e também para realização de outras atividades que demandavam meu tempo como fazer palestras, ministrar oficinas de cerâmica, bem como agendar e atender algumas escolas para fazer visitas e também receber os turistas que chegam para conhecer o espaço. A experiência como professor na Escola Indígena Pataxó da

Jaqueira possibilitou o desenvolvimento do trabalho pedagógico com os estudantes que vem conhecer esse espaço.

No ano de 2020, a Casa de Memória, recebeu o certificado de reconhecimento como Espaço Artístico e Cultural do Município de Porto Seguro pelo decreto 11.225\20 de nove de novembro de dois mil e vinte. Diariamente visitantes fazem passeios, passam na comunidade e conhecem a Casa de Memória. Assim, eles vão tendo conhecimento sobre a verdadeira história contada através do nosso povo Pataxó que aqui resiste.

São realizadas diariamente diversas atividades na Casa de Memória como a visita guiada à exposição das esculturas; oficinas de cerâmica que são feitas em alguns períodos na comunidade e palestras culturais onde são contadas oralmente para os visitantes nossas histórias a partir dos objetos expostos e de narrativas próprias do nosso povo.



Imagem 2 - Inauguração da Casa de Memória em 26 de abril de 2021. Fonte: o autor (2021)

CAPÍTULO II - MUSEU PATAXÓ DA RESERVA DA JAQUEIRA E A AFIRMAÇÃO CULTURAL

A arte que se encontra dentro do espaço do museu nada mais é que a democratização das artes nesse espaço que dá visibilidade ao artista indígena pataxó, de estar se alimentando das artes e mantendo o museu ortogonal, que vem da estrutura do formato tradicional das nossas moradias tradicionais.

Todo o crescimento estrutural vem da tradição mas, pode mudar, se atualizar, sendo que a tradição dos velhos é que orienta a cultura Pataxó. No museu, buscamos mostrar que conhecer a história dos povos indígenas, é conhecer o próprio passado e a própria história nacional a partir da visão indígena. É lutar pelos direitos dos povos indígenas, que significa lutar pela própria sobrevivência.



Imagem 3 - Registro do museu em construção. Fonte: o autor (2021)

2.1 Autobiografia de Oiti Pataxó

O meu nome indígena é Oiti Pataxó, tendo como nome de registro Fernando Santana Carvalho, nasci na comunidade da Coroa Vermelha e sempre acompanhei meus pais nas atividades de fazer artesanatos: faziam cocar, colares, lanças, gamelas, arcos e flechas para vender aos visitantes. Por terem conhecimentos de uma arte milenar, os Pataxó estão em produção o tempo todo, tanto para uso quanto

para comercializar esses produtos. Assim, desde muito cedo eu observava os meus pais e outros parentes da comunidade a fazer os artesanatos e seus artefatos. Foi assim que desenvolvi essa espiritualidade imensa de trabalhar a arte na comunidade.

Comecei a estudar aos meus dez anos, quando foi criada a primeira escola na comunidade, e depois tive que estudar em outra instituição de ensino, a Escola Municipal Victurino da Purificação Figueiredo. Em 1995 comecei a estudar a minha primeira série e acabei gostando dos aprendizados e da maneira com que os professores aplicavam seus conteúdos, fechando o ano letivo com aprovação. Já no ano seguinte fiz a segunda série com muita dificuldade, conquistando a confiança dos professores consegui passar para a terceira série. As dificuldades eram muitas, em todas as matérias e com meu rendimento não foi bom, fui reprovado.

No ano seguinte fiz o projeto Acelera Brasil, que eram dois anos seguidos, foi então que passei para a quinta série, onde adquiri mais conhecimentos e responsabilidade. Prossegui os estudos fazendo as sexta e sétima séries juntas e por fim a oitava série no projeto. Assim terminei o ensino fundamental (antigo primeiro grau).

Em 2002 fiz o primeiro ano do ensino médio (antigo 2ª grau) na Escola Estadual Nair Sambrano Bezerra, em Santa Cruz Cabralia, junto com outros colegas indígenas. Íamos pra escola de transporte escolar, se não houvesse aula, ou a falta de professores, quem tinha dinheiro vinha logo embora de ônibus, quem não tinha, como meu caso, esperava até o momento do transporte ir buscar os alunos, ou vinha a pé pela pista ou pela praia que ficava próxima, numa distância de sete quilômetros.

Com todos esses momentos dedicados ao estudo, em sala estudando ou mesmo em casa eu tinha tempo para desenhar, para pintar e fazer meus artesanatos junto aos meus pais e outros parentes que ali vivia na comunidade. Sempre acompanhava na mata os mais velhos em busca de sementes e frutos. Também tirava sempre um tempo para ir à praia tomar banho e pescar. No rio era tempo de banhos e brincadeiras que fazíamos com outros jovens

Em 2003 passei a estudar a tarde, em um outro colégio na Coroa Vermelha, pois, na parte da manhã eu ia para praia vender artesanatos para me manter. Com todas as dificuldades pelo caminho, consegui passar para o 2ª ano, sem perder a vontade de querer estudar. Nessa série fui estudar em uma turma que faziam muita bagunça e sem estímulo para nada, senão está “zoando” em sala. Isso dificultava o estudo, mas com meu bom comportamento e participação em sala passei para 3ª ano do ensino médio em 2004. Naquela época terminei o ensino médio, mas fiquei com muitas dificuldades e dúvidas, então, em 2006 fui ouvinte nessa mesma escola, fazendo o segundo ano com uma turma bem mais responsável que queriam levar os seus estudos a sério.

Assim que terminei os estudos sentindo mais tranquilo e pensativo, pensei muito em fazer algo que ajudasse a minha comunidade, daí decidi a fazer esculturas de madeiras, as famosas bonecas pataxó, o trabalho com a argila com esculturas, pinturas e grafismos nas casas dos parentes, tive ao mesmo tempo a visão de algo com valores da cultura. Fazia também pinturas e grafismos usados no corpo em outros suportes como nos artesanatos, no troncos de madeiras e nas paredes das casas.

No mesmo ano de 2006, tive a oportunidade de entrar no grupo de pesquisa da Reserva da Jaqueira e ter um grande compromisso com o resgate da minha cultura Pataxó, que foi criado por nós indígenas em 1997/1998 com objetivo de fortalecer a cultura pataxó através dos conhecimentos e aprendizados dos nossos professores e doutores que são nossos anciões, nossos velhos, que passam seus conhecimentos tradicionais como a língua, os artesanatos, artefatos, o awê, a medicina tradicional, a culinária, a pinturas, os grafismos, os rituais, as histórias e todo os modos de sobrevivências que eles usavam como na parte espiritual de ser Pataxó. As palestras culturais foi uma das atividades que desenvolvi, um dos conhecimentos que aprendi na reserva para transmitir aos visitantes a conhecer mais a história do nosso povo.

Na Reserva da Jaqueira além do trabalho de afirmação cultural do povo Pataxó, trabalhavam o etnoturismo como uma forma de subsistência. Eu fui para participar desse momento com os parentes, por ser um local sagrado em que muitos

jovens estavam na retomada de seus conhecimentos ancestrais e fortalecendo sua identidade. Nessa época, Coroa Vermelha já tinha morando um grupo bem grande de Pataxó na parte litorânea com seus conhecimentos tradicionais de práticas artesanais, pesca, caça e também faziam roças para sobreviverem.



Imagem 4 - O artista Oiti Pataxó. Fonte: o autor. (2021)

Em 2011, tive a oportunidade de ingressar no IFBA- Campus Porto Seguro-BA, na Licenciatura Intercultural Indígena, a LINTER, que proporcionou a mim um importante conhecimento acadêmico para nos ajudar na nossa luta do dia-a-dia. Concluí a licenciatura e lá me formei como professor de Códigos, Linguagens e Arte. Essa formação acadêmica ajudou nas minhas atividades na comunidade, como nas palestras, no domínio das histórias e em novas técnicas de trabalhar a arte. E meu trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso, como já mencionei, foram dez esculturas de corpos indígenas que representa uma linha do tempo da trajetória do povo Pataxó. Foram expostas ao público em 2017 no Museu do Descobrimento de Porto Seguro e em outro momento foram expostas na Secretaria de Turismo e Cultura , mostrando aos visitantes esse belo trabalho.

De 2014 a 2018 trabalhei como professor auxiliar na Escola Indígena Pataxó da Jaqueira. A partir de então pude focar ainda mais no trabalho de afirmação

cultural através da arte e do trabalho pedagógico. Realizei também durante esse período oficinas de cerâmica, grafismo e pintura para as crianças e jovens da Reserva .

Com a construção do espaço *kijemi ũpú ãbakohãy Pataxó upâ kahtenig*, dediquei meu tempo mais as *atividades desse espaço*. No âmbito do trabalho no museu, o intuito é justamente aliar o ensino de arte com educação decolonial, intermediadas pelo ambiente museal - no nosso caso, comunitário e indígena, que proporciona um contato mais orgânico com a história, a arte, enfim com os elementos todos que estão sendo compartilhados no museu.

2.2 O acervo em exposição no Museu Pataxó da Reserva da Jaqueira

O intuito da pesquisa, que consistiu no produto final do meu trabalho de conclusão de curso para a obtenção do diploma de licenciatura Intercultural Indígena pelo IFBA-Porto Seguro, foi construir uma linha do tempo do ano de 1500 até os dias de hoje, que se materializou em dez esculturas de cimento com vergalhões galvanizados e telas de alumínio. São esculturas que retratam o povo Pataxó ao longo dos séculos.

Com vários documentos e entrevistas, no meu convívio na comunidade, eu percebo que a oralidade tem sua fundamental importância na produção e reprodução das nossas tradições, mas é necessário criarmos outros artifícios para manter, preservar e guardar os nossos saberes.

É importante documentar e por isso nós estamos empreendendo esse exercício atualmente, adaptando-nos a essas ferramentas - tecnológicas por exemplo - a fim de documentar, registrar, catalogar, pesquisar, investigar acerca da nossa cultura, escrever nossas Histórias. Entendemos que isso pode ser feito de muitas formas, e uma delas é a expressão artística.

O referido museu reúne obras que ao mesmo tempo contam histórias, revelam memórias mas também imprimem uma estética própria, a partir dos modos de fazer e ser tradicionais do povo Pataxó, para que fiquem registrados no curso da história, os objetos feitos por nós, assim como as memórias históricas narradas pelos anciões.

2.2.1 As esculturas

O acervo principal que constitui a expografia da Casa de Memória são as esculturas, além de objetos, peças de cerâmica, adereços e pinturas em diversos suportes que também faz parte do acervo. Aqui vou descrever a série de esculturas que intitulei como "Linha do Tempo" que foram produzidas durante mais de dois anos entre 2014 e 2016. A técnica usada na produção das esculturas é o cimento policromado com auxílio de vergalhões e tela de alumínio que estruturam o interior da escultura. As pinturas são feitas com tintas após a peça de cimento está pronta. Dentre as tintas usadas estão a argila amarela, vermelha, carvão e também tinta industrial para alguns acabamentos em cores não encontradas na terra.

A primeira obra de arte (ver imagem 4) representa o índio "pré Cabraliano", caracterizando uma das populações que presenciaram a chegada dos portugueses, de acordo com a descrição de Pero Vaz de Caminha em sua carta- 1500. Com uma pintura xadrezada representa os povos originários que foram apelidados de "índio" que nos primeiros momentos dos colonizadores não conheciam a diversidade dessas nações e logo se assustaram. Com o tempo os colonizadores foram percebendo que eram várias etnias, mas não sabia identificar ou não sabiam a distinção entre Tupinambá, Pataxó, Guarani, Pataxó há há hãe ou Maxakali, chamavam a primeira vista de peles vermelhas, devido o uso do urucum na pele que era utilizados por nossos ancestrais.



Imagem 5 - índio "Pré Cabralino" 2014- 2016, tam 1.40 m x 0,50 cm. Fonte: o autor (2021)

A segunda obra de arte" representa a "Índia" do tempo do "Pré-Cabralino" (ver imagem 6), como conta a carta de Pero Vaz de Caminha, mostra suas características e como era vista pelos colonizadores. Eram cobiçadas pelos capitães e seus capatais, por estarem nuas e atraíam os olhares maldosos desses mesmos indivíduos. Muitas das índias eram levadas para servir aos "seus senhores" na forma de escravidão. E assim eram raptada, levadas de seus territórios sagrados para outros lugares como para Europa.

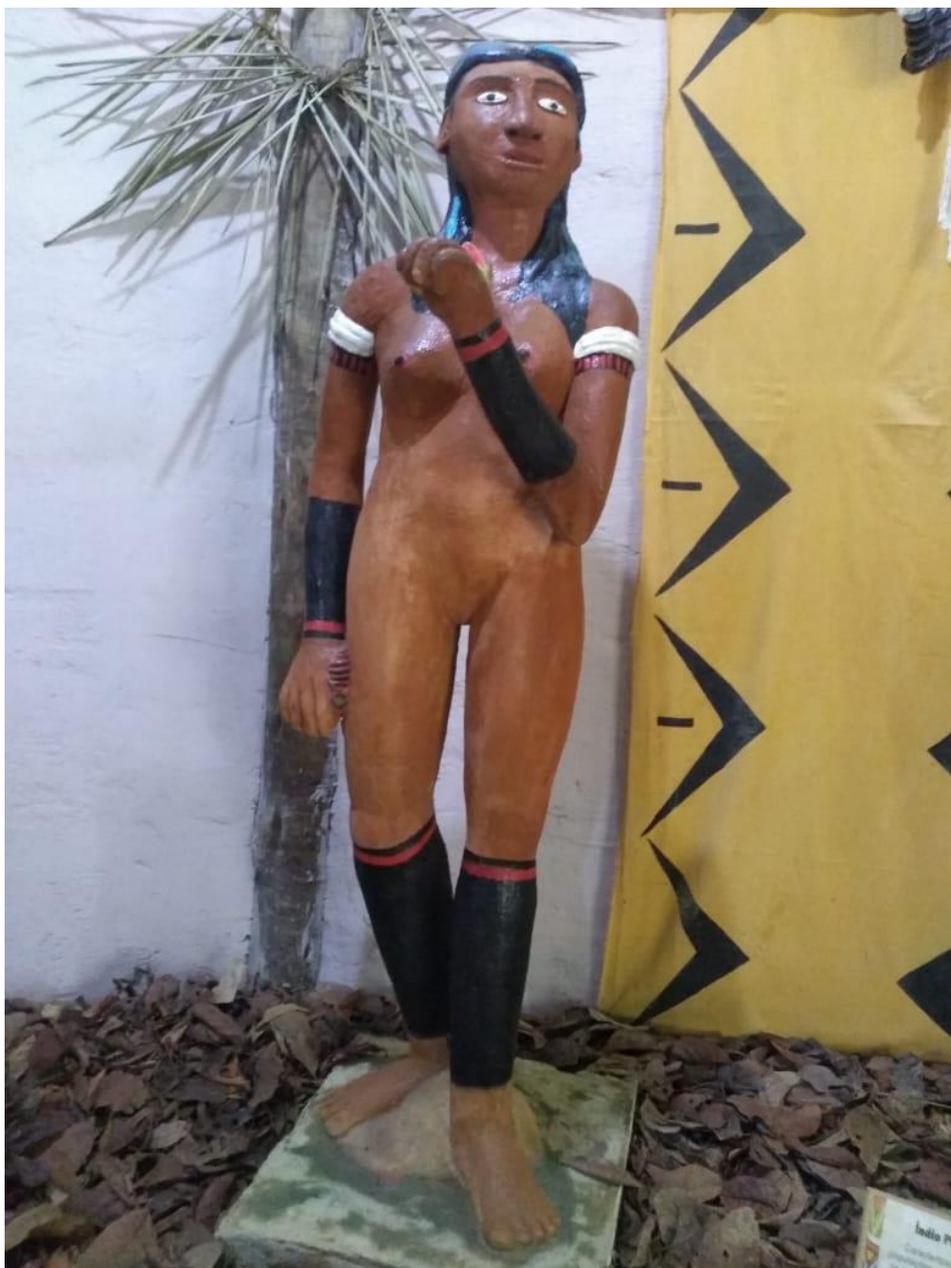


Imagem 6 Índia Pré-Cabralina. 2014-2016. 1,53 m x48 cm . Fonte: o autor.

A terceira obra de arte, o “Capitão Pataxó abre um coco” (ver imagem 7), é caracterização descrita pelo príncipe Maximiliano de Wied, que em 1816 escreveu sobre a cena. A representação é uma releitura do desenho, que foi feito em aquarela pelo mesmo autor e encontra no livro Viagem ao Brasil. A obra representa uma liderança, cacique de um dos grupos Pataxó, que, assim como outras líderes indígenas, muitas vezes eram colocados como capitães de aldeamentos como uma tentativa de doutrinar toda comunidade que estivesse sobre seu comando. Assim a igreja utilizou dessa estratégia de dominação através da catequização dos povos indígenas.

O indígena usa as vestimentas dos colonizadores para "tampar sua vergonha", como descreve a Carta de Caminha, uma bermuda de linho azul e uma carapuça dos padres capuchinhos avermelhada e a machadinha de metal.



Imagem 7- Capitão Pataxó abre o coco, escultura em cimento, 1.20 m x 0.49 m; 2014-2016- Imagem do autor

A quarta obra retrata o “O Cotidiano Pataxó entre os anos de 1951 a 1961” (ver imagem 8) . As memórias desse período são contadas por sobreviventes daquele massacre, chamado pelos mais velhos de " Fogo de 51" por ter ocorrido no

ano de 1951. Quando deu início ao ataque na comunidade de Barra Velha em 1951 muitos dos anciões de hoje eram crianças, outros já jovens. Contam que foram atacados por policiais do estado da Bahia que destruíram a aldeia Barra Velha com o objetivo de dizimar nosso povo. Os adereços representados nessa escultura, traz lembranças desse período quando os Pataxó lutava pelo retorno à aldeia Barra Velha. O uso de um cocar com asas de papagaio erguidas pra cima e trançado de palmeira, com um colar feito de osso ou o uso de pedaços de palmeiras, uma tanga feita de fibra de bananeira e em mãos um lança de pati representa o povo Pataxó desse período. Nesse momento não usavam pinturas por ter que viver em fuga na mata. Depois de 1951 muitos jovens e famílias inteiras foram morar e trabalhar em fazendas das regiões para garantir a sobrevivência, o que fez com que os Pataxó por muitas vezes deixassem de usar suas pinturas.



Imagem 8- "O Cotidiano Pataxó entre os anos de 1951 a 1961". Tam 1.74 m x 60 m; 2014-2016

A quinta obra de arte é “ A índia do período de 1951 a 1961”(ver imagem 9), que retrata o período do Fogo de 51, onde ocorreu esse massacre na Aldeia Barra Velha deixando muitos indígenas em perigo constante em seus territórios. Seu formato de cocar em coroa e trançado de palmeiras, usando bustiê feitos de trançados de fibra de árvores e tanga de tabôa ou mesmo de fibra de bananeira representa a mulher indígena desse período de luta. Não usavam suas pinturas tradicionais por não dar tempo fazer para o seu uso corporal.



Imagem 9 "A índia do período de 1951 /1961", 1.42 m x 52 m; 2014-2016

A sexta obra de arte "O Pataxó nos finais nos anos entre 1951/1961"(ver imagem 10). De acordo com as narrativa dos sobreviventes dessa época do Fogo de 51 não usavam suas pinturas tradicionais sobre o corpo para não serem identificados ou mesmo por fugir do massacre. Fugindo o tempo todo, só teciam fibras de árvores e catavam penas de aves pelo caminho, para produção de seus adereços. O uso de uma pena na tira de palha, simbolizava seu cocar, ou mesmo no trançado colocavam varias penas de aves erguidas de forma perpendicular. O uso de arcos e flecha para sua defesa e para caça é um símbolo dessa vivência e sobrevivência na mata.



Imagem 10 - “O Pataxó nós finais do dos anos de 1951/1961”, tam 1.87 m x 0.58 m; 2014-2016.

A sétima obra de arte é “O Pataxó do séc. XXI- inícios do ano 2000” (ver imagem 11), representa a luta pelo espaço de afirmação cultural, com pinturas do começo da Reserva da Jaqueira entre 1998 e 2000. Nesse período há um fortalecimento do uso de pinturas corporais e criações inspiradas de restos de cerâmicas, tissume ou de tecelagens feitas nos objetos pataxó. Eram usadas no corpo sendo pinturas feitas coletivamente. O cocar diferenciado observando perfeições na montagem entre as penas e o trançado com acréscimo de barbantes.

Nessa época foram acrescentados os chocalhos no tornozelos para obtenção de sons durante os rituais.



Imagem 11-“O Pataxó do séc. XXI- inícios do ano 2000”; tam 1.64 m x 54 m; 2014-2016

A oitava obra de arte “O Guerreiro Pataxó em 2000/2006” (ver imagem 12). Destaca para o surgimento da pintura do besouro, pintura corporal mais elaborada, com cores mais intensas com uso do jenipapo, carvão, urucum e argilas de cores diversas. Os cocares apresentam detalhes diferenciados, como perfeições na montagem entre as penas, nos trançados há o acréscimo de barbantes e miçangas, lãs coloridas, além de penas e fibras vegetais como tradicionalmente sempre

usadas. Por hoje ter esse ligação entre a aldeia e a cidade alguns dos matérias já são de fora mas são adequados à cultura Pataxó.



Imagem 12-“O Guerreiro Pataxó em 2000/2006”. 1.72 m x 0.78 m, 2014-2016.

A nona obra de arte “A Guerreira Pataxó no contemporâneo, representativa dos anos de 2014/2015”(imagem 13). Uma guerreira com seus costumes e tradições mantendo sua afirmação cultural e sua resistência. Com adereços e pinturas mais elaboradas, mostrando seu ritual de expressão. Uso de sinto de lã com miçangas e cocos de palmeiras e seu cocar de penas de patos e arara com sua pintura corporal representando desenhos de besouro. Uma das representação de um Pataxó moderno



Imagem 13“A Guerreira Pataxó no contemporâneo, representativa dos anos de 2014/2015”, tam 1.49 m x 0.77 m. 2014-2016.

A décima obra “Guerreira Pataxó Representação feminina do ano de 2015”(ver imagem 14), com uma pintura mais elaborada, cocar bem confeccionado, bustiê de barbante e tanga de estopa retirada de fibras de árvore. O uso da pintura da mulher casada no rosto e em seu corpo os grafismos. O processo de revitalização da cultura que mostra o Pataxó moderno.



Imagem 14 “Guerreira Pataxó Representação feminina do ano de 2015” tam 1.42 m x 0.76 m. 2014-2016

2.2.2 Peças de cerâmicas

A cerâmica Pataxó é produzida como retomada da memória dos velhos, realizada a partir do aprendizado dos jovens no manuseio da criação dessa memória quase esquecida por nossos velhos. Esse movimento possibilitou o aprimoramento e assimilação de técnicas contemporâneas, demonstrando a resistência dos nossos saberes.



Imagem 15 Cerâmica Pataxó. Fonte: o autor. (2021)



Imagem 16 Incensários e medalhões de cerâmica. Fonte: o autor. (2021)

2.2.3 Outras artes expostas no Museu

As telas pintadas com grafismos Pataxó, desenhos com detalhes, assim como as bonecas Pataxó (ver imagem 16) esculpidas em madeira e outras artes expressam a atualização da memória dos velhos.



Imagem 17- Esculturas em madeira (bonecas Pataxó). Fonte: o autor (2021)

Entre outros artes para compor o acervo, foram produzidas pela comunidade Pataxó as lanças de pati, arcos e flechas de pati e tucum, que eram usados como armas de caça, além das lanças, bordunas, bancos de madeiras, maracás, tangas, cocares e outros utensílios de fibras e adereços Pataxó.



Imagem 18-Artefatos Pataxó. Fonte: o autor (2021)



Imagem 19- Artefatos de fibra. Fonte: o autor (2021)

O museu possui ainda uma série de telas que exibem os principais grafismos tradicionais do povo Pataxó. As pinturas têm diversidade de tamanhos e significados. Cada indivíduo usa pintura e deve saber o que elas significam, os motivos de estar usando, ou seja, saber definir em que momento e lugar pode usar a pintura, considerando que ela é uma forma de comunicação entre os membros da aldeia.

Os homens e mulheres casadas usam pinturas simples para não chamar muita atenção, enquanto os solteiros usam pinturas e artefatos que chamam bastante atenção, com a intenção de seduzir a pessoa de sexo oposto. Aproveitamos dos seguintes materiais para fazer as pinturas: *Mikaré*, *Kamuru*, *Top'oke*, *Tawá*, *coató* e *Txiãga*, ou seja, jenipapo, urucum, carvão, barro vermelho, amarelo e branco.



Imagem 20-Algumas telas em exposição. Fonte: o autor (2021)

2.3 As palestras de cultura Pataxó: afirmação cultural e educação decolonial

Educação escolar indígena é uma conquista dos povos indígenas na busca por autonomia e autodeterminação. Uma educação que tem como alicerce construções que estão ligadas à educação indígena, ou seja, à educação que nasce no seio da comunidade e das relações familiares e se torna, no ambiente escolar, um processo de formação pessoal, humanitária, com vistas ao fortalecimento da identidade étnica e da cultura dos povos.

Pautada por princípios de interculturalidade, bilinguismo/multilinguismo, especificidade, autonomia, diferença e qualidade, a Educação Escolar Indígena, já em seu processo de construção e luta por direitos, empreendia ações que podemos considerar como parte de um processo que se faz decolonial.

Embora, essa nomenclatura e conceituação fossem desconhecidos para nós, povos indígenas, é possível identificar nos processos que constituem a Educação Escolar Indígena, que suas ações já inseriram em nossos contextos e da sociedade, características de um processo de decolonização. Isso reforça a ideia de que não se trata apenas de perceber as marcas do colonização como algo transitório, ou seja, algo que pode ter sido superado após compreendermos que historicamente, estamos em outro recorte temporal, ao contrário disso, é compreender que os atravessamentos da colonialidade continuam sendo refletidos em nossas vivências e tentativas de silenciamentos.

A escola como espaço de produção de saber, mas também, de poder, interfere no processo de invisibilização dos povos indígenas que passam a não aceitarem mais o regime de tutela e estabelecerem formas próprias de enunciação. Após o advento da constituição federal de 1988 que determina que os povos indígenas têm o direito de suas formas próprias de organização, direito ao uso da língua materna, nascem vias de acesso legais para que os povos indígenas constituam suas próprias formas de educação e, com isso, produzirem duas próprias narrativas de autorepresentação e auto-história, desse modo, assumimos nossos lugares de fala e deixamos de depender da mediação e intermediação do outro para com as nossas demandas.

Desse modo, ao refletirmos hoje, sobre os processos decoloniais discutidos tão amplamente nas academias, é possível evidenciarmos que, são processos que na prática já faziam parte de nossos contextos, agora, porém, podem ser nomeados e compreendidos de modo mais amplo, fortalecendo ainda mais nossas intervenções na sociedade e não permitindo que mais uma vez encubram as feridas causadas pelo processo de colonização que tenta configurar uma pseudo-superação dessas feridas e mais uma vez, silenciar os povos indígenas.

As escolas indígenas são instrumentos de fortalecimento, mesmo quando ligadas à institucionalização que é própria das suas organizações dentro de um sistema maior, porém, ela não mantém dentro dos parâmetros estabelecidos colonialmente para o que se impõe como escola e educação, mas, traça linhas de fuga que a permitem se deslocar e se tornar um lugar de força e como espaço de desenvolvimento das ações de militância dos nossos povos.

A oralidade é o recurso que nós, indígenas Pataxó, usamos para expor as nossas narrativas da história e memória dos nossos anciões. Hoje recebemos pessoas do mundo inteiro que visitam o museu, de forma a conhecer a nossa história com seus filhos, netos e anciões que aqui estão praticando seus modos próprios de vida. Entre tantas questões, destacamos o que devemos ou não devemos mostrar para o público e contamos com a participação das lideranças tradicionais.

As palestras de cultura Pataxó são recursos utilizados para compartilhar nossos conhecimentos e nossas histórias com os visitantes, no âmbito da programação etnoturística e educativa na Reserva da Jaqueira. Sobre esta questão, Costa (2020) observou que as palestras de cultura da Reserva da Jaqueira são uma estratégia de educação étnico-racial e contra colonial na qual a própria comunidade atua como protagonista na construção de uma narrativa histórica sobre si, uma narrativa contra-hegemônica. De acordo com a autora,

As palestras de Nitynawã, assim como a de outros voluntários que também fazem palestras, como Nayara, Oiti, Aricuri e Suhyasun, têm o intuito de decolonizar o imaginário dos turistas que chegam à Reserva com uma ideia estereotipada do indígena alencariano que só existe na memória oficial colonial e idílica da nação, forjada sob o genocídio e o etnocídio dos povos

indígenas para figurar no imaginário popular, persistente até hoje. (COSTA, 2020 p. 67)

As palestras de cultura Pataxó são realizadas no kijeme principal⁶, enquanto no museu ocorre uma visita guiada para os visitantes, mas estas também podem ser consideradas palestras de cultura Pataxó, no sentido que educam os turistas para conhecer a cultura indígena originária e assim, desconstruir preconceitos ao mesmo tempo em que aprendem sobre a história do Brasil do ponto de vista indígena.

Se antes os visitantes tinham uma palestra durante a experiência da visitação à Reserva, após a inauguração do museu, passou a ser dois momentos em que é oportunizado o intercâmbio cultural e a possibilidade de desconstrução de preconceitos que os visitantes possam ter em relação a nós, indígenas.

Vimos a urgência de criar mais um momento de afirmação, de forma que as pessoas da comunidade e as de fora, ou seja, visitantes e sobretudo turistas - posto que a Reserva pratica o etnoturismo, possam desfrutar da experiência de conhecer um museu indígena - e um pouco da nossa história, da nossa arte e da nossa trajetória de luta e resistência por existência. Afinal, os povos indígenas são os primeiros brasileiros. Em outras palavras, estamos educando as pessoas na cultura Pataxó; um escola à maneira Pataxó.

2.4 O Museu Pataxó em contexto etnoturístico

Em um contexto etnoturístico, o Museu indígena cumpre o papel de promover uma educação étnico racial para os turistas, a partir do ponto de vista da história do povo originário, em contraponto à história oficial do Brasil, contada pela população hegemônica e historicamente dominante, ou seja a população de descendência europeia ou portuguesa. Do ponto de vista da história indígena, o que houve foi o massacre e a perseguição aos povos originários pela população invasora, ou seja, os portugueses.

O confronto de culturas resultou na supressão das culturas indígenas, isto é na sua invisibilização ou em muitos casos, no seu total etnocídio. A ideia de uma

⁶ Para um exemplo de palestra de cultura da Reserva da Jaqueira, ver Costa (2020, p. 67-73).

Brasil descoberto, e que foi passando a ser civilizado a partir da chegada do homem branco, que por sua vez se encarregou de “domesticar” e “civilizar” os indígenas, é a que prevalece até hoje no imaginário da maioria da população brasileira.

Quando os visitantes chegam na Reserva da Jaqueira com esse imaginário de um indígena do passado, logo tratamos de desconstruí-la a partir do diálogo, das palestras de cultura e da demonstração do nosso modo de viver sossegado até os dias de hoje. Esse é o modo tradicional de vida do povo Pataxó, baseado em sua conexão ancestral com a natureza, com os ensinamentos dos nossos anciões e da nossa forma de viver simples, através da arte, da pesca, da agroecologia e mais recentemente, através da fabricação e da venda dos nossos artesanatos para os turistas.

Antigamente, produzíamos nossos artefatos para uso pessoal e para trocar com outros produtos que tínhamos necessidade, mas desde a década de 1970 com a chegada do turismo na região da chamada “Costa do Descobrimento” (denominação que para nós é ofensiva pois remete ao genocídio cometido contra o nosso povo, mais adequado seria chamá-la de Costa da invasão) decidimos destinar parte da nossa produção para o mercado do turismo, em substituição ao nosso modo de viver na floresta (pois fomos impedidos de continuar caçando e pescando em nossas terras, de onde fomos expulsos desde a criação do Parque Nacional de Monte Pascoal).

De volta ao território tradicional da Coroa Vermelha, a partir da década de 70, portanto, damos início à produção do artesanato para a venda e paralelo a isso começamos a pensar formas de valorização da nossa cultura por meio do artesanato e por meio das práticas culturais como o Awê e a culinária tradicional.

Na Reserva da Jaqueira, exploramos o potencial da nossa rica cultura para atuar na descolonização dos estereótipos que os turistas têm a respeito dos indígenas, e dos preconceitos em relação aos modos de viver dos povos indígenas hoje em dia, apresentando o nosso acervo museológico e contando a história do ponto de vista pataxó.

Nesse sentido, em sua dissertação “Tecendo o viver sossegado: as artes de resistência da Reserva Pataxó da Jaqueira”, a autora Alicia Costa notou que,

As chamadas escolas indígenas e também os museus comunitários estão na contracorrente dessa lógica educacional hegemônica dita ocidentalizada. São instituições que têm em si o potencial de ser a própria resistência e autodeterminação dos povos indígenas. Os Pataxó, ainda que com um apoio limitado e deficiente do Estado, têm buscado construir autonomamente projetos educacionais interculturais que garantam que as futuras gerações sejam “educadas na cultura”, ou “cresçam na cultura”, ambos os termos muito comuns nos contextos escolares entre os Pataxó. O museu comunitário da Reserva da Jaqueira é também uma iniciativa autônoma e comunitária, de fins educativos e de afirmação cultural. (COSTA, 2020 p. 89)

A circunstância propícia para a nossa atuação é o trabalho do etnoturismo, na medida em que nos valem da interação propiciada pelo comércio da arte que produzimos para compartilhar com não indígenas as nossas crenças, os nossos costumes e as nossas lutas, a fim de dar visibilidade à nossa existência. Como uma forma de resistência.

Costa (2020, p. 60) acrescenta que a retomada da Coroa Vermelha e a criação da Reserva da Jaqueira é uma estratégia de resistência do povo Pataxó que culmina no surgimento da atividade etnoturística autônoma autogestionada, em contraposição à atividade turística de massas neocolonizadora na chamada Costa do Descobrimento. Nesse contexto, temos na arte e no trabalho de afirmação cultural a nossa principal fonte de sobrevivência e de resistência.

CAPÍTULO III - CASA DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO INDÍGENA

Na aldeia da Reserva da Jaqueira, o museu funciona como um centro de registros onde é possível encontrar um conjunto de informações históricas e culturais sistematizadas em forma de arte e palestras. O programa museográfico do museu da Reserva da Jaqueira é pautado num conjunto de diretrizes que têm como princípio norteador a afirmação cultural, a preservação da memória e a educação decolonial⁷ - a reescrita da nossa História através da Arte.

Para delimitar o campo teórico com o qual estamos a dialogar, começo por apresentar a definição de “programa museográfico”, proposto pelo ICOFOM - Comitê Internacional de Museologia:

De maneira mais geral, aquilo que intitulamos de “programa museográfico” engloba a definição dos conteúdos da exposição e os seus imperativos, assim como o conjunto de relações funcionais entre os espaços de exposição e os outros espaços do museu. [...] Antigamente, e por sua etimologia, a museografia designava o conteúdo de um museu. Do mesmo modo que a bibliografia se constitui numa das etapas fundamentais da pesquisa científica, a museografia foi concebida para facilitar a pesquisa das fontes documentais de objetos, com o fim de desenvolver o seu estudo sistemático. (DESVALLÉÉS e MAIRESSE, 2013 p. 59-60)

Desse modo, adquirimos paulatinamente uma importante função pedagógica colaborando na construção de ações educativas e transmissão de conhecimentos em parceria com as lideranças tradicionais; pajés, caciques, professores e anciãos, a própria escola indígena da comunidade. Que muitas vezes não possuem materiais didáticos apropriados e o museu indígena torna-se um lugar propício para a realização da educação diferenciada e intelectual ao possibilitar múltiplas leituras sobre a historicidade, memória e cosmovisão do nosso povo.

Na construção deste espaço museológico, há um deslocamento do lugar onde o discurso é construído e nós indígenas assumimos um importante posicionamento perante a construção social da memória. Resignificando a sua memória, os diversos sentidos da incorporados aos objetos, os lugares, aos saberes e aos seres

⁷ Aqui entendemos a educação decolonial como “a problematização do processo internacional assimétrico de produção de conhecimento e do lugar que ocupam os países de “terceiro mundo” e o conhecimento neles produzido” (PENNA, 2014 p. 187). Esta perspectiva está pautada na “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire e autores pós-coloniais como Walter Dignolo e Aníbal Quijano. (op cit)

inanimados. Entre tantas questões emergentes, destacamos o que deve ou não ser mostrado e a participação de lideranças tradicionais no processo de pensar o museu como patrimônio cultural. Para Le Goff (2003, p. 471)

“A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”

Nesse sentido é que é tão importante a participação de pesquisadores e pesquisadoras indígenas nos processos de registro da História, para que ela nos sirva de libertação dos grilhões da lógica colonialista hegemônica, que até então monopolizou a escrita da História e determinou quais memórias valiam a pena serem registradas, ou seja, aquelas que retratavam o ponto de vista do colonizador.

3.1 O resgate da Cerâmica e o contexto da educação escolar indígena

O museu da Jaqueira é um exemplo prático de como os movimentos indígenas fizeram uma revolução a partir de uma retomada dos processos museológicos, inovando e conectando a museologia à própria antropologia, a qual tem em seu legado histórico sistemáticas relações com os processos museológicos e museografia de representação autoritária e colonial dos povos indígenas.

O resgate da cerâmica Pataxó veio de uma longa história e conhecimento ancestral. Em várias outras comunidades Pataxó esse conhecimento tradicional só está na memória do povo, que não o pratica por causa de vários fatores ligados a sua trajetória vivida de muitas lutas para sobreviver de ataques e massacres dentro de seus territórios. Na comunidade da Reserva da Jaqueira vivem alguns parentes que ainda lutam para resgatar a cerâmica ancestral, o barro, conhecido como tawá, um barro branco que se utiliza na fabricação de seus utensílios.

Ao caminhar na mata encontra-se o local do barreiro onde se retira o barro, um local chamado de barreiro encontra o tawá e outros que da o acabamento como o engobe. Encontra-se também os barros usados para pintar as peças em cores

como amarelo, vermelho e branco. O uso desse barro também é empregado nas pinturas do dia a dia do povo Pataxó, como também nas pinturas corporais em grandes cerimônias e rituais.

Com conhecimentos de uso do barro para fins de utilizar para fabricação de utensílios feitos artesanalmente por seus avôs, alguns parentes esculpem esculturas em pedaços de batinga/ tawá, fazem esculturas e diversas outras peças para venda aos visitantes que vêm conhecer a comunidade.

Para mostrar na época a importância da batinga e como poderia fazer algo que fosse interessante para comunidade ver e aprender, foi aí então que eu, por ser um artesão, quis dar continuidade a esse trabalho de esculpir nos pedaços de batinga e assim fui me aperfeiçoando cada vez mais e também me interessando em buscar com os mais velhos como se trabalhava com o barro, buscando conhecer seu preparo, o processo para a queima, ou seja, como seria a forma certa de se queimar as peças. Assim, fui trabalhando nas esculturas e produzindo diversidades de bichinhos. A comunidade, ao ver, gostou do trabalho e passou a vender ali mesmo aos visitantes que chegavam para conhecer nossa comunidade. Por já trabalhar com o Etnoturismo na comunidade, o pessoal tinha esse conhecimento de trabalho do barro.

Conversando com alguns parentes da comunidade alguns contaram que teve esse contato com o barro na infância juntamente com seus avôs e seus pais. Foram acompanhando essa rotina de ir buscar o barro para preparar e fazer as suas peças como potes, cuia,oringas, vasos e panelas, que era de uso das comunidades das suas épocas. Para buscar o barro antigamente desciam o rio de canoa e iam até o barreiro; cavavam até dar na batinga, que também era chamada de tawá; eram cortados os bolos e amassados de forma a dar uma liga, aí tava pronto para ser levado até a canoa e subiam o rio novamente, até o local onde trabalhavam na fabricação das peças.

A queima era feita em fornos nos barrancos da beira do rio; cavava-se um buraco que desse pra encher de peças já prontas e colocava-se lenhas pra queimar. A lenha usada era uma espécie de árvore chamada de melúra, uma madeira branca e leve que ajuda na queima. A outra forma de se queimar era o uso da cabaça de cupim que se buscava na mata, de tamanho bem grande, onde podiaocar e encher

de peças, e seus pedaços eram jogados dentro pra ajudar na queima e, por fora, o uso da melúra ou outra madeira. A queima era feita a noite toda, até o dia clarear quando então as peças eram deixadas para deixavam a esfriar. As mulheres usavam as mãos pra fazer suas peças de cerâmica e usavam materiais simples para modelar como as taliscas de palmeiras ou mesmo pedaços de madeiras e bambus como se fosse uma lâmina para raspagem e para fazer traços ou mesmo pinturas relacionadas ao seu cotidiano.

Para alisar, usavam pedras de rios. O barro tem que ser bem amassado para não ter bolhas de ar e ficar mais firmes na hora da queima. O bolo do barro era a forma que se modelava umas das peças; a partir das bolas, conseguiam fazer o formato e o tamanho dos objetos: pote, cuia, moringas, vasos, incensários e panelas; outra forma de fazer as peças era da cobra; pegavam um bolo de barro e deixavam no formato de uma cobra e começavam a enrolar e formar o pote, moringa e panelas. Depois eram alisadas até dar a forma que desse pra secar; depois que estava seco, o barro era alisado com a pedra novamente e a peça estava pronta.

No outro momento, os homens iam pegar a raiz do mangue ou mesmo a casca dessa árvore para pintar e dar resistência às peças de barro; ao pegar a casca do mangue, logo ia para fogo em um recipiente com bastante água para cozinhar por um tempo; depois, deixava esfriar e aplicava nas peças, logo que saíam do forno quente.

Assim eram as práticas antigas de feitura da cerâmica do nosso povo Pataxó. Sempre tive essa curiosidade de aprender mas percebia que, ao contar as histórias dos nossos povo antigo, vi que era um trabalho difícil e bem pesado; e, assim, continuei trabalhando nos pedaços de batingas até o ano de 2010, quando tivemos na nossa comunidade uma visita do Paulo Roberto de Souza, que teve o primeiro contato com a nossa comunidade e nossas lideranças e logo nos proporcionou o trabalho de cerâmica. Por ser um ceramista artesão, a comunidade o acolheu de forma a trabalhar um meio sustentável de geração de renda e a retomada da cerâmica ancestral e cultural do povo Pataxó.

E assim foi feito esse trabalho envolvendo todos a praticar: as crianças, os jovens e mesmo assim os nossos velhos; e a cada momento que se trabalhava o barro, a nossa mente trabalhava em fazer algo que todos gostassem, em criar a

cerâmica com nossos traços. Tanto os parentes mais novos quanto os mais velhos contavam histórias de como aprenderam com seus pais, seus avós e outros ensinamentos que aprendiam as formas pelas quais com o barro se podia fazer variados objetos, a partir das suas espiritualidades e seus saberes ancestrais. E nesse meio tempo eu sempre me destaquei em fazer peças de cerâmicas.

Tudo foi deflagrado por minha visita à Jaqueira ainda em 2010, que resultou na elaboração de uma proposta de interação dominada Cerâmica, Arte em Quatro Elementos associada ao Ponto de Cultura Pataxó da Reserva da Jaqueira, que acabou sendo contemplada no Prêmio Funarte Interações Estéticas 2010. A premiação, embora condicionada aos poucos recursos dessa política pública, permitiu a minha inserção na comunidade por período maior de tempo, fundamental para o estabelecimento de vínculos efetivos e para ampliar o meu encantamento.

A partir de 2016, minha atuação na comunidade retornou devido ao processo de formação acadêmica na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), como integrante de um projeto de extensão financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PROEXT/CNPq), período em que uma série de ações foram desenvolvidas para despertar, estimular e difundir a produção da cerâmica, não só na comunidade da Jaqueira, mas para além de seu território, a exemplo da Oficina de Cinema ao Barro, ministrada pelos artistas Pataxó para alunos do Colegio Universitarios (CUNI) da UFSB.

É importante perceber que a pesquisa se desenvolveu a partir da relação pesquisador e pesquisados no próprio contexto comunitário, o que tornou mais fácil a percepção das lógicas culturais que permeiam. Igualmente relevante é perceber que a pesquisa afeta a ação e é por ela afetada, o que contribui para entender elementos estruturais desse universo e definir o programa de intervenção, sempre mediado pela vontade da comunidade.

(SOUZA, 2020 p. 32)

Essa técnica nova ensinada por Paulo de fazer a cerâmica era bem diferente e bem mais prático de se trabalhar e de se produzir com mais facilidade. A técnica consistia em fazer as placas de argilas e depois criar os produtos, como os objetos de cerâmicas, de forma mais técnica e com mais rapidez em fazer e dar seu acabamento final.

A prática inicial era de ir em um barreiro cortar o barro seco e trazer para o local a ser quebrado e peneirado, de forma a ser transformado em pó. Seguindo seu preparo colocá-lo em um recipiente de água por três dias com a troca de água para retirada do sal, e depois colocado em um local com plásticos para secar na sombra até o ponto de se observar que esteja bem úmido, etapa em que será amassado até dar uma liga. Passado um tempo, é colocado em um plástico grosso e é batido para dar mais consistência a esse barro e, assim, está pronta a argila.

Para fazer as placas, é necessário um bolo de argila na quantidade ideal, que é amassado com as mãos e usa-se uma régua de madeira fina de espessura usada no forno a gás. Depois dessa placa pronta, são retiradas as bolhas de ar, para que no queimar elas não causem a quebra da peça. Para fazer isso, usa-se talíscas de bambu com pontas e o cartão plástico por ser algo fino e que ajuda no acabamento final da placas, deixando-as lisas.

Com as placas prontas, pode-se até usar alguns objetos como molde para fazer seu produto ou usar pedaços para ter seu produto final. Depois, deixa a peça secar por seis dias e está pronta para receber pinturas com engobe⁸ ou outros materiais usados para fazer as pinturas. Com palitos de picolés, tampinhas de refrigerantes, canetinhas, réguas, colher de madeira, talíscas de palmeiras ou de bambu são feitas ferramentas pra ser utilizadas nos desenhos, nas pinturas de objetos, nas pinturas corporais e nos carimbos feitos na peças já prontas para dar mais uma decoração.



Imagem 21 Incensário Pataxó em cerâmica. Fonte: o autor. (2021)

⁸ argila líquida usada para colorir as peças

As peças são levadas ao forno e colocadas de forma bem segura para evitar a quebra; são postas as maiores embaixo e as menores por cima, para evitar a quebra das peças; e liga o fogo, que é o uso do maçarico a gás e o forno industrial com manta térmica, que ajuda a manter a temperatura de até 800°C; dura de quatro a cinco horas para queimar.

Com toda essa experiência nova, tivemos várias peças prontas por todos que participaram. Foram expostas em exposições em vários lugares, mostrando que o povo Pataxó produz a cerâmica através dos filhos e netos; todos esses saberes foram se dando através desse projeto, que a comunidade abraçou, como forma de buscar nos mais velhos a sua memória e dar significados.

Técnicas novas aprendi ao trabalhar com cerâmicas. E trabalhei o projeto do barro na escola com os alunos da comunidade da Reserva da Jaqueira. E assim, fomos fomentando e realizando oficinas o tempo todo na comunidade de forma a fortalecer a identidade Pataxó com sua prática de trabalhar o barro, de modo que as práticas próprias de transmissão de conhecimentos entre nós Pataxó se apresentam no sentido do reconhecimento de um saber tradicional.



Imagem 22 Oficina de cerâmica para os alunos da escola indígena da Reserva da Jaqueira. Fonte: o autor (2021)

3.2 O projeto educacional da Casa de Memória

O museu da Reserva Pataxó da Jaqueira, que denominei de *kijemi ũpú ãbakohãy Pataxó* que significa Casa da Memória Pataxó, é uma casa de cultura que se refere a questão patrimonial. Na pesquisa, analiso as relações da educação com a divulgação do acervo de arte, memória, cultura e ancestralidade, e no caso do Museu Pataxó da Jaqueira, o guia indígena apresenta ao visitante o patrimônio Pataxó, nosso jeito de guardar os conhecimentos dos ancestrais, as telas, esculturas, fotografias que testemunham a história dos antepassados, até o dia de hoje - o povo Pataxó na contemporaneidade.

O espaço museológico citado assume um importante papel na luta e resistência das comunidades Pataxó e se constroem no diálogo com potentes espaços reivindicatórios, envolvendo a educação escolar indígena diferenciada, a valorização de processos tradicionais de transmissão de conhecimentos. Neste local são organizadas as exposições de longa e curta duração da comunidade local, palestras e oficinas de cerâmicas. São recepcionados estudantes da comunidade, alunos de outras escolas indígenas e não-indígenas e outras instituições.

Com todo trabalho que a Reserva da Jaqueira deu início, no contexto da luta da retomada de seus conhecimentos tradicionais, tem como objetivo a manutenção da cultura Pataxó, de forma que nossos jovens aprendam e ressignifiquem as formas como viviam os nossos antepassados, para que nossas tradições se fortaleçam cada vez mais.

A partir daí tive a ideia de criar este espaço do museu como casa de cultura, e a forma como ela foi abraçada com entusiasmo pela comunidade indica a preocupação coletiva com a construção de uma autonarrativa sobre nossos patrimônios, memórias e histórias.

Por ter feito os diálogos e adquirido conhecimentos, inclusive visitando alguns museus onde se conta sobre as civilizações ocidentais e o olhar que eles têm sobre a cultura e a história dos nossos povos, que frequentemente são repleta de

silenciamentos, lacunas e generalizações, tive a ideia de criar esse espaço, que é a Casa de Memória Pataxó.

A construção deste espaço museológico simboliza um lugar de onde o discurso é construído por nós, indígenas, e de onde assumimos nossa participação na construção social da memória. Considerando o apagamento histórico das nossas memórias, para nós, povos indígenas, o espaço coletivo do museu dentro da nossa comunidade se transforma num lugar fundamental de afirmação cultural do povo Pataxó e representa um esforço na direção da preservação e da valorização do patrimônio cultural do nosso povo. Entendemos, nesse sentido, que

A importância do patrimônio cultural é algo vivo que exige articulações sobre as reflexões educativas, que tem a ver com a nossa história, nossa memória. O conceito de patrimônio é muito antigo e sofreu mudanças de significados no decorrer do tempo. O patrimônio nasce de uma ideia de pátria, pai, herança. É aquilo que passa de geração para geração. Essa noção vem da tradição romana e é muito recente a noção de que o patrimônio é uma ideia pública. Patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. O patrimônio cultural pode ser preservado mediante um conjunto de ações que garantam a sua permanência com os seus diversos valores e significados artísticos, paisagísticos, científicos, históricos e / ou simbólicos na vida de uma comunidade de um determinado lugar. O ideal é que a preservação do patrimônio cultural seja preventiva, antecipando as ações de degradação causadas pelas condições ambientais. (GOMES, 2011, p.1)

Neste sentido, a criação do Museu da Reserva da Jaqueira ganha destaque. Contemporaneamente a museologia tem se caracterizado por sua capacidade de ser mutável, para acompanhar as transformações sociais e políticas dos contextos em que ele se insere. Por refletir suas práticas em várias disciplinas, como por exemplo a comunicação, a preservação e a pesquisa sobre os elementos culturais, além da educação, desenvolvendo estratégias de inclusão e participação cada vez mais da sociedade.

O envolvimento da comunidade indígena Pataxó no processo de construção do museu busca não somente intercambiar conhecimentos, mas principalmente “afirmar” a história local, estimular a cultura e fortalecer a identidade Pataxó. De igual

importância é produzir e manter as amostras do acervo cultural do nosso povo, transformando o museu num laboratório didático.⁹



Imagem 23 Visita de alunos da escola indígena ao museu. Fonte: o autor (2021)

Desde 2010, antes da criação do museu, trabalhamos durante um longo período, de quatro anos e seis meses, mais ou menos com o trabalho da argila, em que toda comunidade participava, no sentido de cada vez mais ter aprendizagem. E nessa aprendizagem nós contemplamos os alunos da escola da Reserva da Jaqueira, da educação escolar indígena do ensino fundamental. E eles aprenderam as técnicas com a gente, vendo ali o manuseio da cerâmica e praticando também esse trabalho que foi se desenvolvendo. Venho trabalhando esse movimento com a minha comunidade e com os alunos já faz um tempo. E, de repente, tivemos o momento do museu. As peças de cerâmica feitas em 2010 foram expostas, elas fazem parte do acervo. E, são consideradas como uma exposição, pois elas já contam um pouco também da questão da história indígena da cerâmica dentro da própria comunidade e de outras produções artísticas também.

Hoje, nós temos o material necessário para a prática dos nossos saberes herdados em nossa própria casa, aqui na Reserva, como por exemplo, a argila, que

⁹ Povos Indígenas do Brasil. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>
Acesso em 08/11/2020.

é de fácil acesso pela comunidade. Esse material a gente pega o tempo todo para utilizar aqui mesmo na reserva. Quando nos reunimos, fazemos cerâmica, e vamos transmitindo essa questão do conhecimento para os mais jovens. Quando a gente prepara a oficina, para a prática da cerâmica entre nós e também com os alunos, temos que buscar o barro e prepará-lo. Fazer todo o preparo dele antes. Aí fica mais ou menos seis, oito dias de molho e depois está no ponto de seguir com o preparo do barro. A partir daí a gente amassa muito o barro e começa a trabalhar.

É uma experiência que as crianças se envolvem bastante mesmo. Na questão da argila, a criança fica à vontade para produzir a peça dela. E depois a gente vai trabalhar um pouco do conhecimento tradicional nosso, e também os processos contemporâneo. Um material mais rápido, onde a gente utiliza bastante a nossa argila e mostra a criança também o valor que ela tem para a nossa cultura, a importância da cerâmica para o nosso povo. A questão da revitalização cultural, de fazer nossa afirmação cultural.

Então, como é o museu hoje, dentro da comunidade? É um espaço bem aberto para o visitante, pesquisador, aos alunos não somente indígenas mas também para não indígenas. É visto como um espaço também para educação. Eu começo dando palestras de cultura Pataxó, ensinando o contexto histórico de cada obra que tem no museu, e as obras também têm legendas bem detalhadas, com os textos das obras. Cada obra que tem dentro do museu tem uma razão de ter sido feita e de estar em exposição e, nesse sentido, palestrar, é falar principalmente das dez peças, que são uma linha do tempo que discute também a questão da colonização portuguesa do ponto de vista do nosso povo. São peças que fiz baseado em informações históricas que encontramos em cartas, documentos oficiais e baseado nas memórias dos anciões. E levando em conta várias outras questões, por exemplo a questão do apelido, do nome genérico “índio”.



Imagem 24 Aula para turma de alunos da escola indígena no museu. Fonte: o autor (2021)

Então, começo a explicação da atribuição desse nome genérico para os povos indígenas pelas esculturas, contando um pouco da situação histórica de contato que os colonizadores tiveram com os indígenas. Essa linha do tempo conta toda a história nossa Pataxó, em vários períodos desde o ano de 1500 até os dias de hoje, quando já conta-se também da questão da pesquisa maior, dentro de um processo que nós temos hoje de construção e afirmação cultural do nosso povo Pataxó.

Atualmente, por exemplo, não usamos muitas sementes, porque com o tempo elas passaram a ser difíceis de encontrar em muitos territórios. Então, foram sendo integrados outros materiais como, lã e miçanga. Outra questão também é da pintura, nossa, feita de jenipapo que é bem trabalhada, porque ela representa várias situações e ocasiões, e possui muitos significados; por exemplo, em relação à questão da violência, dos ataques, da questão da grilagem em terras indígenas; foram grandes massacres e que hoje a escultura nos conta, através da palestra de cultura.

Além das esculturas de cimento, temos as de madeira, que eu faço também, como artista, buscando o conhecimento dos mais velhos. Dos parentes que faziam a arte, muitos já morreram; no entanto, nos deixou uma memória. Capturar essa memória e reproduzi-la é uma forma de fazer permanecer esses conhecimentos dos mais velhos. Até mesmo para movimentar a questão da nossa fala, do nosso idioma Patxohã. Da mesma forma ocorre em relação aos grafismo e as pinturas. Utilizamos muitas pinturas corporais até os dias de hoje. Então temos esse trabalho de ir identificando mais, fortalecendo cada vez a nossa identidade.

No museu, também falo um pouco sobre a origem e a produção dos artefatos, dos artesanatos, seus usos na caça, na captura do animal. E alguns artefatos que eram utilizados para guerrear e para a autodefesa. São exemplos a machadinha, a borduna e o arco e flecha. São artefatos encontrados no museu e que nos auxiliam a dar uma explicação melhor da história para os alunos, por serem materiais nossos.

Em relação ao passado histórico da cerâmica, que está nesse processo de retomada, existem bem poucos registros da questão da cerâmica. São anciões de dentro da nossa comunidade que não praticam mais, devido questão de violência que sofreram, principalmente durante o Fogo de 51. A própria comunidade indígena deixou de praticar a cerâmica e passou a utilizar mais a semente, a pena, madeiras, e outros materiais como palmeiras para fazer seu artesanato, seus artefatos. Mas a cerâmica era muito utilizada pelos nossos antepassados, segundo as narrativas dos mais velhos. O uso da cuia, do incensário, pra fazer a queima de algumas ervas e também da amescla. Utilizava-se nas cerimônias, nos grandes rituais.

A cerâmica, o grafismo e a pintura vem sendo fortalecidos através do envolvimento da comunidade através de oficinas. Das oficinas que são feita na comunidade, que contempla a escola, a partir de projetos para praticar a arte com argila com os alunos, tivemos um processo de revitalização na questão de utilizar pintura enquanto grafismo. A comunidade aprendeu a fazer a pintura do rosto, pintura do corpo, da perna, do braço, todos os desenhos tradicionais do nosso povo e as formas de executar, os materiais utilizados e as formas de preparar esses materiais, sempre ensinando e aprendendo que essa é a pintura padrão do nosso povo Pataxó. Então, a comunidade, especialmente os mais jovens, poderão trabalhar dando sequência nas nossas tradições. As pinturas do rosto, do braço,

para que a identidade se fortaleça, e todos possam também criar, enquanto artistas autônomos.

Depois que os alunos Pataxó dominavam a questão da pintura, aí sim, a gente começava a trabalhar a cerâmica, de levar eles no barreiro, para conhecer como que tira o barro. Ao trazer o barro, faz -se um processo juntamente com eles, o processo do barro. E a partir daí ensinamos a importância do barro. De todo o seu trabalho, da busca e da conexão com ele. Aí então sentamos e começamos a trabalhar no preparo do barro. E a partir de então, cada um faz a sua peça, e depois a decora com os grafismos nossos.

Nessa experiência da escola, demos um grande passo, que foi montar uma exposição, com as peças, e também trabalhar em quadros, as telas, a questão da cerâmica crua. A gente aplicava uma base que era a tela, e a partir daí fizemos vários grafismos. Hoje essa metodologia é utilizada dentro da escola. E dentro da comunidade, e isso se tornou um meio forte de interação dentro da comunidade, com momento em que o nossos mais velhos se tornaram mestres e cientistas reconhecidos dentro da comunidade, pois participam juntos também, fazendo suas peças. É oportuno abrir um parênteses para comentar que todo esse trabalho artístico e de fortalecimento da cultura está alinhado com os pressupostos de uma educação escolar indígena diferenciada, a qual

[...] propõe a ruptura radical com o currículo eurocêntrico, e traz para a centralidade curricular os elementos da educação indígena que foram expropriados do cotidiano comunitário desses povos. A cada conquista fica mais evidente que a escola colonizadora é absolutamente descontextualizada e imprópria para as crianças e jovens indígenas. (KAYAPO, TERENA E CANCELA, 2020 p. 52)

Um exemplo forte disso é a prática da cerâmica dentro das escolas, sendo uma prática cotidiana importante para o povo. Considero que as crianças tiveram um aprendizado muito grande, por ter tido a oportunidade de ter o contato com o barro, e poder trabalhar e ter um resultado também. Assim, a partir dessa experiência, além de trabalharmos dentro da nossa comunidade, também tivemos uma representação fora da comunidade, em outras aldeias.

Estivemos em escolas de outras comunidades também, com a missão de compartilhar nossos aprendizados. A questão do ensinamento, da prática, do trabalho da argila, que é um conhecimento tradicional da nação Pataxó e da

conexão forte desses materiais. Nessa aprendizagem todos passaram a dar uma importância ao barro, a entender a importância da argila para nossas comunidades indígenas.



Imagem 25 Oficina de cerâmica para jovens da Jaqueira. Fonte: o autor (2021)

Ao longo da história, nosso povo utilizou esses aprendizados, que está presente em nosso cotidiano de muitas formas, para o nosso uso próprio. E isso nos fortalece mais a continuar a semear nas próximas gerações o desejo de cada vez mais multiplicar, preservar e valorizar este conhecimento sobre o nosso povo, fortalecendo nossos saberes e pertencimento, no sentido da reafirmação identitária e da manutenção da cultura Pataxó.

3.3 Portfolio para a prática indígena docente no campo da Arte e Memória

Considerações finais

A história da educação em museu na Reserva Pataxó da Jaqueira, tem uma articulação associada, intimamente, com os projetos societários da comunidade, sendo que a ideia era pensada pelos primeiros moradores da comunidade. A reserva foi concebida como lugar de revitalização do seu espiritual, da memória, da ancestralidade, buscando o fortalecimento do nosso território pataxó e dos modos de cuidar dele.

Dito de outro modo, vimos na proposta inicial da Reserva da Jaqueira um grande museu a céu aberto, mas também uma alternativa de subsistência para as famílias na comunidade. Assim foi concebida a nossa aldeia, um lugar sagrado para o nosso povo.

A comunidade é caracterizada por suas casas tradicionais, pela produção e uso das armadilhas de caça, de objetos, dos artesanatos e os modos de fazer os rituais, os casamentos, nascimentos, as cerimônias fúnebres, a cura e o uso dos conhecimentos de ervas medicinais, a presença do pajé em todas as ações. As lideranças tradicionais são respeitadas, enquanto trabalhamos com as pinturas corporais, os desenhos e as formas cosmológicas do nosso universo, ao mesmo tempo que dialogamos com a ciência acadêmica.

Todos esses elementos estruturantes da nossa comunidade estão sintonizados e presentes no Museu Indígena, que foi uma iniciativa para o povo Pataxó, visando disponibilizar conhecimentos e sabedorias aos jovens da comunidade e de outras aldeias. E assim, a Reserva da Jaqueira tem se tornado aldeia referência para toda nação Pataxó.

A partir de 1998 já tivemos novos jovens liderando as ações nas palestras e manifestações culturais voltadas para nós e para os visitantes. Contar as histórias do nosso povo, falando a língua Patxohã, todos pintados com os nossos grafismos originários, realizando os rituais de fortalecimento do povo, preparo do barro para a produção de artes. O Tauá, a argila para fazer as pinturas corporais, ou para a construção dos kijemes- que são as casas tradicionais pataxó. A palha, utilizada na cobertura das casas ou na produção de artesanatos, enfim, a Reserva da Jaqueira, e agora reforçado com o Museu que criamos, é um lugar de formação do guerreiro Pataxó, assim como é um lugar de formação dos não índios, em diálogo com a lei

11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do estudo da temática indígena (e afro-brasileira) nas escolas.

Todo esse trabalho de retomada da cultura Pataxó, teve auxílio fundamental da Reserva da Jaqueira, criada 1998. As ações realizadas na Reserva possibilitaram o fortalecimento do nosso movimento de afirmação cultural, não apenas para a nossa comunidade, mas para um conjunto de outras comunidade na produção de seus bens materiais, como o cocar, a tanga, o arco e flecha, o maracá, o timbero, o artesanato, os demais artefatos, os cânticos, os rituais, a língua materna, os. Jogos, brincadeiras e danças, bem como narrativas dos anciões Pataxó.

A criação do museu indígena da Reserva da Jaqueira, museu Comunitário, foi projetado com vocação cultural e educativa, buscando estreita relação com as artes ancestrais e com a arte contemporânea. O museu foi pensado para funcionar como espaço de divulgação da produção artística local, retratando os momentos históricos contemporâneos que presenciamos, a arte indígena que produzimos hoje, suas ressignificações, com suas características sentimentais, espirituais, sendo um espaço da memória do nosso povo.

Todo esse conhecimento e saberes foram os primeiros frutos da Jaqueira, que foram impulsionados com a criação da nossa escola dentro da comunidade, que logo veio colaborando nos diálogos de fortalecimento das outras escolas indígenas na região.

Quando não havia escola na Reserva, a educação acontecia em torno dos anciões, inclusive do sábios das comunidades Pataxó próximas, que se dispunham a compartilhar seus conhecimentos, memórias e histórias. Desde o início da história da Reserva, as lideranças tinham clareza sobre a urgente necessidade do fortalecimento identitário e da revitalização das nossas tradições. E nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi mostrar um pouco como esse ideal vem sendo colocado em prática, por meio de ações de valorização da nossa arte, nossa cultura e nossa memória e nossa educação escolar indígena diferenciada, no âmbito do projeto da casa de memória Pataxó da Reserva da Jaqueira.

Pensamos em um museu vivo, como nós, Pataxó. O espaço propicia o diálogo com as artes e saberes Pataxó, e pretende levar essas temáticas, saberes e

seu acervo para dentro das escolas indígenas e não indígena, no sentido de cumprir um papel social e identitário comprometido com o povo Pataxó. Trazer as pessoas, grupos e as escolas até o museu, dando um novo sentido ao ato de ensinar e aprender, num diálogo franco, aberto e protagonizado com a presença dos nossos anciões e lideranças.

Acompanhar cada objeto exposto no museu, cada escultura e obras de arte que compõe o espaço de forma que o estudante saiba analisar e identificar o que ele aprende nas teorias e nos livros didáticos. No museu ele vê, ele sente, ele ouve, ele pensa sobre o objeto que vê, numa interação com os demais espaços da Reserva, ao redor do museu.

Enfim, o Museu Comunitário é mais um espaço dentro de um grande museu, que é a Reserva da Jaqueira. Um museu vivo, repleto de vida, humana e não humana, repleto de memórias, histórias e marcas da ancestralidade Pataxó, deixada por nossos antepassados.

Essa dissertação buscou refletir sobre a possibilidade de contribuição com a educação patrimonial e museal indígena, e pensar em estratégias educacionais voltadas especialmente para escolas indígenas, mas também para escolas não indígenas e para o público interessado na temática indígena. É uma proposta que surgiu para colaborar no processo de preservação da memória Pataxó, reforçando a construção de identidade de nosso povo.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. **Tal antropologia qual museu?** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, suplemento 7, p. 121-143, 2008.

AMARAL, João Paulo Pereira do. **Da colonialidade do patrimônio ao patrimônio decolonial.** Dissertação de mestrado (IPHAN). Rio de Janeiro, 2015.

BRULON, BRUNO. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus.** *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 28, e1, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142020000100501&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 nov. 2020.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Pesquisa em Museologia e questões indígenas. In: CURY, Marília Xavier. **Museus Indígenas: Saberes e ética, novos paradigmas em debate.** Secretaria da Cultura. ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. (Coleção Museu Aberto)

CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. **Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico.** (Dissertação de Mestrado) Salvador: PPGCS/UFBA, 1977.

CENEDOM. **Povos Indígenas e Museus.** Boletim museológico, nº 45/ Abril 2016.

CESAR, América Lucia S. **Lições de abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Campinas: UNICAMP, 2002.

COSTA, Alicia Araujo da S. **Tecendo o viver sossegado: as artes de resistência da Reserva Pataxó da Jaqueira.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade. Porto Seguro: UFSB, 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de museologia.** São Paulo: Armand Colin, 2010.

EXAME, revista *online*. **As dez florestas mais ameaçadas do planeta.** Publicado em 09/01/2014. Disponível em: < <https://exame.com/mundo/as-10-florestas-mais-ameacadas-do-planeta/>> Acesso em 23 jun. 2020.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005 (1970)
- FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. In: ABREU, Regina; CHAGAS, 20 Mario (Org.) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 219-254.
- ECOTURISMO, Associação Pataxó de, Reserva Pataxó da Jaqueira. **Manual das Atividades de Etnoturismo na Reserva Pataxó da Jaqueira**. 2011.
- FERREIRA, Oziel Santana, et al. **Assim Contam os Mais Velhos: experiências e resultados da experiência intercultural em pesquisa sobre gestão etnoambiental de territórios pataxó**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.
- FLORENCIO, Sônia Rampim; et al. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2 ed. Brasília: Iphan/DAF/Cogedi/Ceduc, 2014.
- GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. (Belo Horizonte MG): Autêntica Editora, 2003.
- GOMES, T.S. **A importância da preservação do patrimônio cultural: os museus e as escolas**. Revista Brasileira de Arqueometria, v. 3, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KAYAPO, Edson; TERENA, Naiane; CANCELA, Francisco. ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS. Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII V1:: n.2 Jul : Dez :: 2020. p. 50-52
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. **A refundação do Museu Magüta: etnografia de um protagonismo indígena**. Anais do Museu Histórico Nacional, 2012. p. 201-218.

PENNA, Camila. **Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria póscolonial latinoamericana.** Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. V.8 N.2 2014. ISSN 1984-1639.

Povo Pataxó. **Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia.** Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

POVO PATAXÓ, Professores Indígenas. **Leituras Pataxó: Raízes e vivência do povo Pataxó nas Escolas (Magistério Indígena),** 2007.

POVOS INDIGENAS DO BRASIL. Disponível em:
<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>> Acesso em 08/11/2020

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”.** 199 In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. 2005.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. **“Sob o Signo da Cruz”:** Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Coroa Vermelha.” Cadernos do LEME 2(1): 95-17, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** UFMG, 2010.

SOUZA, Arissana Braz B. de. **Arte e identidade: adornos corporais Pataxó.** Dissertação de mestrado UFBA: Salvador, 2012.

MIGNOLO, Walter. **Herencias coloniales y teorías postcoloniales.** Nueva Sociedad: 1996.

